

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**ALEXANDRE RODRIGUES  
(ALEXANDRE ROIZ)**

**ESCRITA PRETA SOBRE ARTE-VIDA:  
TRAJETÓRIAS DE ENEGRECIMENTOS**

**UBERLÂNDIA  
2022**

**ALEXANDRE RODRIGUES  
(ALEXANDRE ROIZ)**

**ESCRITA PRETA SOBRE ARTE-VIDA:  
TRAJETÓRIAS DE ENEGRECIMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Dança, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Dança.

**Orientadora:** Daniella de Aguiar

**UBERLÂNDIA  
2022**

ALEXANDRE RODRIGUES  
(ALEXANDRE ROIZ)

**ESCRITA PRETA SOBRE ARTE-VIDA:  
TRAJETÓRIAS DE ENEGRECIMENTOS**

Monografia aprovada para a obtenção do título de Bacharel em Dança no Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 07 de fevereiro de 2022.

---

Artista convidada, Musa Michelle Mattiuzzi

---

Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos, UFU/MG

---

Prof. Me. Ricardo Alvarenga, UFU/MG

---

Prof. Dr. Alexandre José Molina, UFU/MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniella de Aguiar, UFU/MG  
(orientadora)



*In Memoriam*

Para o moreno claro, pardo e  
mestiço que eu fui um dia.

Para o eu, que um dia quis  
agradar “reis” com sua dança.

Que Egungun o leve em seus panos...



## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a mim, pois não desisti em ocupar esse lugar, por ser resiliente a todas as violências que sofri dentro desse processo educacional. E por honrar minhas e meus ancestrais e transestrais e os agradeço pelos caminhos já trilhados.

À minha mãe Amelia, que me gerou e que me deu a possibilidade de ser quem sou e ter minha autonomia. Por ter trabalhado três, quatro, cinco vezes mais para me proporcionar o melhor. Sou e serei eternamente grato a todas as suas renúncias que eu nunca terei a real dimensão na sua vida, para que eu pudesse estar escrevendo esse texto hoje. Te amo como sempre e como nunca...

À minha irmã Fernanda, que é minha irmã de alma de vidas passadas e futuras, que me inspira a ser um homem melhor todos os dias, que foi a primeira pessoa negra da família a ingressar no ensino superior e que me fez sonhar que era possível. Obrigado merimã pelas palavras de incentivo nessa minha caminhada que você, mais que ninguém, sabe o quão difícil foi e está sendo.

Ao meu irmão Cesar que sempre foi um homem que eu amei, mas que em muitos momentos parecia uma disputa. Há uma estrutura histórica que nos coloca em competição, mas a cada enegrecer eu me vejo cada vez mais parecido com você e eu amo tanto ser parecido. Sempre te amei, mesmo que de forma errada. Te amo, Cesar.

À minha tia Lucia, que foi a minha primeira professora. Sabendo que eu e minha irmã entraríamos atrasados na escola sem a possibilidade de fazer o pré-escolar, nos ensinou o básico que precisaríamos saber, e que me fez toda diferença.

À minha madrinha Maria Lucia, que sempre me deu suporte nas orações, e no exemplo de mulher cristã.

Ao Studio 3, representado por Rosely Menezes e Verônica Paulino que me proporcionaram bolsa 100% integral para que eu pudesse me preparar para o exame de Certificação em Habilidade Específica.

Aos meus amigos e amigas de Frutal: Yago Oliveira, Dielver Roberto, Maicon Douglas, PH Jhayrão, Rafa Thai (Play), Jeferson Jambera, Paredão, Coruja, Gislaine Carvalho, Renatin, Paulo Vitor, Ana Paula Allmeida e família, Elisangela, Raphael

Silva, Edimar Stela, Lucio Rodrigues, Leticia, Warlock Games, Andre Luiz Ferreira, Lilia, Leticia, Vinicius, Bruna Souza, Tereza, Rita de Cassia, Luana e Nene Finu.

Ao Yago Oliveira pela amizade que será eterna e um agradecimento especial por ser a pessoa que ousa buscar a dança e me levar junto nessa busca.

Aos meus primeiros professores de Dança da Cultura Hip Hop, William Souza Santos e Demetrius Garcia, que me ensinaram essa dança negra, periférica e de resistência a qual eu sou inserido hoje.

À Igreja Sal e Luz da Terra, representadas pelo falecido pastor Honorival Fontes Neto e sua esposa Luciane e família que me mostraram uma vertente do cristianismo que olha a pessoa e não os possíveis pecados. Com amor, respeito e gratidão.

Às minhas professoras e professores de todas as escolas que passei e que mesmo sem uma remuneração adequada e condizente com seus trabalhos fizeram o melhor para me alfabetizar.

Às merendeiras pela comida de todos os dias e pelo gesto de carinho na fila do refeitório.

Obrigado às funcionárias da limpeza que sempre estiveram ali, mas sempre invisibilizadas, mesmo fazendo o trabalho mais importante de qualquer escola.

Ao Marcone por me receber em Uberlândia em sua casa, que foi nossa pelos primeiros semestres que foram decisivos para minha trajetória acadêmica. Obrigado pelas refeições que eu não tive condições de comprar, obrigado pela partilha, meu Preto.

À 5ª Turma do Curso de Dança que presenciou todas as lutas antes, e boa parte do durante e o depois.

A todos os alunos negres que ingressaram e não concluíram por algum motivo essa graduação, hoje eu quero honrar a memória e vida de vocês, pois eu sei que não é fácil estar aqui.

Ao Centro Acadêmico Klauss Vianna, que hoje é o Diretório Acadêmico Klauss Vianna e que a partir de amanhã será o Diretório Acadêmico Mercedes Baptista.

A todas as minhas veteranas e veteranos de curso, em especial à Vanessa Garcia que me recebeu, se dispôs a me apresentar o campus, esteve do meu lado em um dos dias mais difíceis e foi uma grande aliada para minha permanência no Curso de Dança, investindo emocional e financeiramente em mim. Te amo como sempre, Vanis.

À minha outra veterana, Lara Barcelos, por ter me recebido e me inserido na cena das danças da cultura hip hop de Uberlândia, por ser essa parceira de profissão e de vida que sempre esteve disponível para me dar os helps. Obrigado por ser a Mother que você é e ser esse exemplo de mulher, artista e etc. Te Amo, Lara.

À terceira e não menos importante, Aline Salmin, que presenciou um dos maiores impulsos que tive de desistência da Graduação e que com toda força, amor e afeto me trouxe pro eixo com toda generosidade. Tive outros momentos com desejos fulminantes de desistir, mas nunca me esqueço daquela conversa e que mesmo hoje não lembrando todas as palavras, mas a sensação está na minha alma. Te amo, Line.

À Renata Britto que, além de uma parceira de curso, é uma amiga de alma e de vida, que me auxiliou durante toda a graduação, fora dela e mesmo hoje formada em Dança e fazendo uma outra graduação se dispôs a fazer a ABNT dessa obra impressa. Te amo pra sempre, Chuchuzinha. ♥

À Waquila Correia, por toda sua força TRANSformadora que invadiu e continua invadindo minha existência. Por ter derramado seu axé sobre meus olhos com sua arte preta transcestral.

Ao Luan Oşupa Okun, que sempre deu exemplo de que arte e vida não estão separadas, mas sim se contaminando a todo instante e que é poderosa a interferência da arte do mundo.

À Dhyego, Tia Ronilda, Maysa e família, por me aquilombar no braço de vocês, nos momentos de festa e nos de extrema tristeza. Fui alimentado por essa família de diversas formas e sou para sempre grato.

À Ciça, prefeita da cidade de Frutal, que investiu na implementação do Projeto ProJovem Urbano que me possibilitou dar continuidade aos meus estudos, e por todas as palavras de incentivo que na noite da minha formatura na 8ª série me foram combustível para estar aqui.

À Casa de ÁKÁRÁ que é um lar que me abriga de toda violência que ser um homem gay negro pode sofrer. Obrigado por ser um recanto colorido que eu posso fortalecer a bixa preta, Vera Verão e Lacraia que eu sempre fui.

A Whander Allipio, por ser uma das maiores referências em arte preta trans LGBTQIAP+ e dar sempre o maior exemplo de mulher preta e por pegar na minha mão em um dos momentos mais difíceis da minha história. Sou e serei eternamente grato.



À Natália Dreossi, que sempre me deu gás para eu manter o foco e me mostrar a cada dia e a cada encontro a potência do que eu produzo no mundo. Deixando em mim um desejo extremo de me aproximar ainda mais das Ciências Sociais. Eternamente grato à sua vida e existência.

A Luiz Inácio Lula da Silva, meu eterno presidente, por todo olhar à classe trabalhadora e pela juventude proletária na qual eu me incluo. Obrigado pelo Bolsa Família e pelos projetos sociais que me possibilitaram ter o mínimo de oportunidade de estudar e alcançar uma primeira titulação. Já separei o look vermelho para sua eleição em 2022.

À Dilma Rousseff, a maior Presidenta do Brasil, que nos deu o seu melhor, mesmo rodeada de todo mal. E mesmo com toda injustiça sofrida com o golpe de 31 de agosto de 2016, não baixou a cabeça e lutou pela democracia.

Aos homens negros que foram mortos em meu lugar, a cada 23 minutos, para que eu pudesse estar aqui.

À Marisa e Graciele professoras do Projovem Urbano que sempre me incentivaram a buscar os estudos, com todas as conversas dentro e fora da sala de aula.

À família Elias, Tia Zelinda, Tia Nene, Vaneida, Maurício, Vaguinho e Valdner por potencializar a minha relação com a continuação dos estudos e por me apresentar a Graduação em Dança como possibilidade.

A Sebastião Cocada que com uma conversa muito franca me deu força e coragem para sair do funcionalismo público e me lançar na Graduação em Dança.

À Fatima, Gestora da Moradia Estudantil entre 2015 e 2018.

Ao Cristiano Ferreira e sua família.

À Bia Ferreira, por ser a potência que é, por me enegrecer juntamente ao mundo com sua Arte. Vida Longa e muito Axé.

À Michelle Mattiuzzi, por toda sua força e poder na Terra, poder transformador que me tocou com a força de uma tempestade que me move até hoje.

À Fátima, Secretária do Curso de Dança, que sempre esteve pronta a me socorrer com os prazos e com toda documentação necessária na graduação e por toda generosidade diária, presencial e virtual, não tenho palavras para demonstrar a minha gratidão.

Ao Marcelo Camargo, pelas várias parcerias e provocações durante esses anos de aprendizado, por todo carinho e afeto.

Aos professores e professoras, técnicos e técnicas do Curso de Dança que estão e que já passaram por ele: Alexandre Molina, Patrícia Chavarelli, Jarbas Siqueira, Vivian Vieira, Fernando Barcelos, Ana Mundin, Carla Normagna, Claudia Müller, RicardAlvarenga, Daniella de Aguiar, Hariane Eva, Juliana Bom-Tempo, Lucio Silva Pereira, Vanilto Lakka, Camila Soares e Claudia Millas.

A RicardAlvarenga, por ser essa referência artística e como pessoa que me inspira a cada dia a ser mais inconformado com os padrões hegemônicos. Por todo investimento financeiro, de tempo e emocional. Por toda orientação no Estágio que potencializou o que eu estou a vir a ser.

À Claudia Müller, por ser minha mãe carioca das artes e etc, por todo afeto que vão faltar palavras para descrever e agradecer.

À Vivian Vieira, que desde meu ingresso e primeiro contato foi generosa em fala e ações.

Ao Jarbas Siqueira pela referência de artista preto e professor do Curso de Dança e por todos os anos propor enegrecimentos da academia e de onde seus pés e mãos tocam. E por estar há muito enegrecendo e abrindo esse espaço, muito antes de eu chegar.

À Patrícia Chavarelli, por me ensinar com carinho e doçura e por sempre olhar e agir com afeto para meu corpo. Grato por ser a primeira pessoa a me falar das dramaturgias do meu corpo negro muito antes de eu me entender como um. Obrigado por, juntamente com Jarbas e Fátima, se colocar na linha de frente na defesa de minhas bolsas de assistência estudantil e permanência nesse curso.

Ao Alexandre Molina pela amizade, exemplo e disposição para ensinar e sempre disponível a me socorrer nos dias turbulentos. E pelo exemplo de ética profissional, pessoal e artística. Todo meu carinho, amor, admiração e respeito!

Ao Jorge Alencar e Neto Machado, que me emanam tanto carinho e impulso para vencer, e que a todo encontro evidenciam potencialidades que eu mesmo não via. E diferente de muitas pessoas que não se conformavam com os meus sonhos de graduação e mestrado por não ter terminado a escola, ambos já sonham com o meu doutoramento sem mesmo eu ter terminado a graduação. Recebo esse Axé e já já vou para Salvador finalizar o Doutorado em Dança. Toda admiração e carinho por vocês.

À Daniella Aguiar por ser uma amiga nesses anos e ombro amigo para os choros consecutivos nesses dois anos de produção deste material.

Aos Grupos e Núcleos de Pesquisa e estudo, SPIRAX - Arte, corpo e experiências criativas em contextos de aprendizagem; Provisório Grupo de Dança; Núcleo de Estudos em Improvisação em Dança; ASFALTO – texturas entre Artes e Filosofias; Dramaturgia do Corpospaço; e Dança e Intermidialidade.

Ao Festival Udi Urban que, além de todas as coisas, me possibilitou profissionalizar e permanecer produzindo Cultura Hip Hop. Vida Longa.

À Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), por proporcionar a assistência que foi fundamental para minha permanência na graduação, que sem ela não seria possível essa conquista.

Ao Dannilo Gabriel dos Santos e família, pelo acolhimento nesses últimos respiros na escrita, por toda admiração que é recíproca, com amor.

E pra você que leu esse tanto de agradecimentos até aqui e achou muito longo e desnecessário, já te advirto, isso é para você ter a dimensão de quantas pessoas precisam se envolver para que uma única pessoa negra consiga se formar no Ensino Superior.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda minhas trajetórias escolar, universitária e artística, e como nesse percurso entre escola, universidade e criação em dança, tomo consciência da minha negritude, classe social e desejo de produzir arte ativista. Nesse processo procuro refletir com Neusa Santos Souza, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Sueli Carneiro, Bia Ferreira, Grada Kilomba, com a internet e as redes sociais e também meus “episódios de racismos cotidianos”. Abordo a criação de meu primeiro solo de dança contemporânea intitulado “PREtextO COR[age]” (2018), e uma série de obras com questões relacionadas: “COM-JULGAÇÃO” (2019), “Livro-arma” (2019), “Pra ficar mais claro eu escureci” (2020) e “Conscientização de Cam” (2020). Além disso, este texto trata como essa trajetória de vida, juntamente com minha tomada de consciência, estão impressas na arte que produzo, percebendo como uma é indissociável da outra.

**Palavras-chave:** Dança contemporânea negra; Dança Ativista; Ativismo Negro; Ativismo; Arte-vida.

## ABSTRACT

This Dance bachelor final work addresses my school, university and artistic trajectories as a black man and how, in my journey between school, university and dance creation, I become aware of my blackness, social class and desire to produce activist art. In this work, I sought to reflect with Neusa Santos Souza, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Sueli Carneiro, Bia Ferreira, Grada Kilomba and others. I address the creation of my first contemporary dance solo entitled “PREtexTO COR[age]” (2018), and a series of artworks developed from it, with related issues, namely: “COM-JULGAÇÃO” (2019), “Livro -arma” (2019), “Pra ficar mais claro eu escureci” (2020) e “Conscientização de Cam” (2020). In addition, this text deals with how my life trajectory and my awareness are imprinted in the art I produce, realizing how they are inseparable from one another.

**Keywords:** Black contemporary dance; Activist Dance; Black Artivism; Artivism; Art-life.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
1. EPISTEMICÍDIO ESCOLAR: .....	18
1.1 Coreografia escolar.....	22
2. TRAJETÓRIAS DE ENEGRECIMENTO .....	32
2.1 Por onde enegreci .....	33
2.2. Impretescência .....	35
3. PRETEXTO COR[AGE] E SUAS IMPRETESCÊNCIAS .....	41
4. CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR .....	61
REFERÊNCIAS .....	67

## INTRODUÇÃO

*“Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo.”  
(SOUZA, 1983, p. 17)*

Ao longo da Graduação em Dança fui percebendo que o espaço da universidade “[...] não é um local neutro. Ele é um espaço *branco* onde o privilégio de fala tem sido negado a pessoas *negras*” (KILOMBA, 2019, grifo da autora, p. 50). Não só de fala, mas, e talvez principalmente, o privilégio de apenas estar ali. Hoje entendo a importância de ter ocupado esse lugar em uma Graduação em Dança, e, apesar de todas as dificuldades, finalizar esse processo, e tenho como meta continuar a ocupar a universidade na pós-graduação, e também no ensino e na pesquisa, como professor.

*Mas Alexandre, você nem terminou a graduação e já está pensando em mestrado!?* (frase epistemicida, autor indefinido).

O processo de escrita e pensamento deste Trabalho de Conclusão de Curso tem sido muito difícil, por diferentes motivos. Além de conseguir perceber o que eu queria falar, também foi difícil decidir como eu queria falar. Como minha trajetória e minha conscientização política sobre minha vida não estão separadas da minha arte, foi, desde o começo, uma ideia e uma experiência fortes em mim. Assim, procurei escrever um texto que vai enegrecendo junto comigo. Ao decidir escrever este texto, assim, reflito com o que Grada Kilomba (2019, p. 27) fala de sua própria escrita como “[...] uma forma de transformar, pois aqui não sou a ‘Outra’, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito”.

É com pesar que esse Trabalho de Conclusão de Curso não pode ser esteticamente como eu gostaria, mas ele em sua escrita está organizado em quatro partes, além desta introdução. No primeiro capítulo, “Epistemicídio Escolar”, apresento quem escreve este texto negro, de onde falo, minha trajetória conturbada e descontinuada com a alfabetização e a escola de modo geral, e o dilema de estar entre a escola e o trabalho pela sobrevivência que se configura como uma tentativa



de um epistemicídio da minha presença nesse espaço. Evidenciando ser mais um número de uma estatística muito maior.

No capítulo 2, “Trajetórias do enegrecimento”, discorro sobre meu processo de ingresso no ensino superior, dando ênfase aos primeiros conflitos da minha identidade social, que passa de moreno a homem negro, vivendo em uma cidade com histórico racista e antirracista simultaneamente, articulando ao fato de que meu ingresso não foi como cotista racial. Além disso, o capítulo discorre sobre os acontecimentos dos primeiros ataques racistas sofridos e os encontros com a arte de resistência negra, que vão me enegrecendo por dentro e por fora, por uma ideologia e por uma estética física. Na subdivisão do capítulo, “Impretescência”, há uma virada no que se refere ao meu posicionamento crítico sobre as cotas raciais, e como elas são de fato uma ação afirmativa importante para uma reparação histórica. Trago isso através de uma música de Bia Ferreira chamada “Cota não é esmola”. Juntamente a esse acontecimento, ocorre o assassinato brutal de Marielle Franco, representante negra ativista das questões de “minorias”, causando comoção nacional e internacional. Esses acontecimentos somados me levaram a repensar de forma crítica e consciente minha trajetória de vida atravessada pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) e manifestações do epistemicídio (CARNEIRO, 2005) em minha vida educacional.

No terceiro capítulo, “PREtextO Cor[Age] e suas impretescências”, falo sobre como meu encontro com a arte de Michelle Mattiuzzi e Bia Ferreira (2018), somado a uma forte violência da população negra nacional e internacional, me levaram a refletir e a criar os trabalhos artísticos “PREtextO Cor[Age] (2019)”, “COM-JULGAÇÃO” (2019), “Livro-arma” (2019), “Pra ficar mais claro eu escureci” (2020) e “Conscientização de Cam” (2020). Neste capítulo abordo as principais questões dessas obras, e como o desejo de que minha arte possa fazer com que outras pessoas negras ou não reflitam sobre essas questões com a arte que decidi colocar no mundo.

Finalizo com “Considerações para continuar”, com alguns pensamentos sobre esse processo e da sua importância para deixar conhecimento negro neste espaço que, por enquanto, ainda está embranquecido, para que artistas Pretas, Pretes e Pretos possam ter a possibilidade de caminhos para prosseguir e desenvolver sua arte caso queiram.

## 1. EPISTEMICÍDIO ESCOLAR:

Meu nome é Alexandre Rodrigues, pobre, preto, LGBTQIAP+, periférico e brasileiro (figura 1). Com uma organização familiar bem típica de uma família negra brasileira. Filho de Amélia Santos Rodrigues, uma mulher negra de pele preta clara, servente de serviços gerais, ensino médio completo, e Celso Aparecido Rodrigues, homem negro de pele preta retinta, caminhoneiro, com escolaridade primária. Tenho uma irmã mais velha, filha da mesma mãe e pai, um irmão mais novo por parte de mãe e outro irmão mais novo por parte de pai.

**Figura 1** - Foto de recordação escolar



Fonte: Foto de arquivo pessoal, registrada na terceira série em 1999.

Meus pais se separaram quando eu tinha 3 anos de idade e passei a morar com minha mãe, irmã, padrasto e seu filho. Com uma vida conturbada vivendo com padrasto que se recusou a cuidar de um filho e uma filha de outro homem, eu e minha

irmã vivemos uma infância com a ansiedade de ter que sair da casa daquele padrasto até os 18 anos.

Pela ansiedade de sair de casa, deixei de estudar para trabalhar diversas vezes. Fiquei no vai-e-vem entre trabalhar e estudar. Estudar sempre ficava em segundo plano, pois não resolvia os problemas imediatos, como pagar o básico para existir.

Fui trabalhando e em determinado momento conheci, através de um projeto social de uma igreja cristã, as danças da Cultura Hip Hop, que na época eram chamadas de Street Dance e/ou Dança de Rua.

Uma das vezes que deixei de estudar foi pouco antes dos 16 anos, quando fui trabalhar em um projeto chamado Guarda Mirim, que era uma “[...] organização sem fins lucrativos que visa[va] amparar crianças e jovens em vulnerabilidade social. Por meio de valores cidadãos, capacitação profissional e inserção no mercado de trabalho, direcionando a infância e juventude ao caminho da honestidade e oportunidade” (GUARDA MIRIM, c2019). Ironicamente, a oportunidade que me foi dada foi a de me afastar ainda mais dos estudos por dois anos.

Depois desse período, a Guarda Mirim foi enquadrada como exploração de menores em todo o país, já que sua atuação geraria muito mais danos do que proveitos para os adolescentes de acordo com denúncia realizada pela deputada gaúcha e relatora da ação Manuela D’Ávila, que afirma que a Guarda Mirim

[...] flexibiliza e enfraquece o limite de idade fixado na Constituição. Além disso, torna o trabalho do adolescente ainda mais vulnerável à exploração indevida, pois exclui os direitos trabalhistas e previdenciários [...] Esses jovens não têm tempo nem disposição física e mental para ir à escola e, quando o fazem, geralmente apresentam baixo rendimento e alto índice de repetência. [...] Na maioria das vezes, a remuneração que recebem em troca do trabalho não basta para sua própria manutenção e custeio dos estudos (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008).

Fui parte dessas evidências e, como tantas outras crianças e jovens no Brasil que trabalham e estudam concomitantemente, a escola sempre fica em segundo plano, porque, como afirma Manuela D’Ávila, “esses jovens não têm tempo nem disposição física e mental para ir à escola” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008).

Fica ainda mais evidente que faço parte dessas estatísticas quando observo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que explicitam que

“concluir a educação básica ainda é realidade distante para muitos jovens brasileiros, mas o problema atinge com maior intensidade a população negra [...]”.

[...] Um terço dos brasileiros entre 19 e 24 anos não havia conseguido concluir o ensino médio em 2018. Apesar da média geral já ser alta (e cujo percentual é similar entre jovens brancos), o panorama entre os negros é ainda pior: quase metade (44,2%) dos negros homens dessa faixa etária não concluiu a etapa (GZH GERAL, 2019).

- . **Escola Estadual Professor Ayrton Busch**
  
- . **Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Maria**
  
- . **Escola Estadual Doutor Carlos Chagas**
  
- . **Escola Municipal de Ensino Fundamental José Romão**
  
- . **Escola Estadual Professor Maestro Josino de Oliveira**
  
- . **Escola Estadual Vicente Macedo**
  
- . **Escola Municipal Vicente de Paulo**

Essas foram as escolas em que estudei até o 9º ano (antiga oitava série).

Nunca consegui cursar o ano todo em uma mesma escola devido às instabilidades financeiras da minha família, que era empurrada para bairros cada vez mais periféricos a fim de economizar no aluguel.

Sempre a próxima escola tinha o ensino diferente, melhor ou mais defasado, que a anterior. Na transferência de uma escola para outra, às vezes eu chegava muito defasado, em outras, adiantado, o que impactou diretamente na continuidade e na qualidade da minha educação escolar.

### **1.1 Coreografia escolar**

Nas escolas em que eu estudei havia uma organização espacial para facilitar a leitura do quadro. As crianças menores na frente e as maiores atrás. Em Minas, em uma das escolas havia até um mapa de sala que era uma folha fixada ao lado da mesa da professora ou professor que definia qual conjunto de cadeira e mesa os estudantes ocupariam o ano todo. As cadeiras e mesas eram numeradas de 1 a 40 e cada criança tinha um número vinculado a si no mapa.

Como eu já havia repetido a 3ª série, me mudando de escola muitas vezes e naturalmente grande pra minha idade, eu sempre me sentei no fundo ou no meio, e, além disso, sempre nas laterais, nas bordas.

Acredito que para todas as pessoas que passaram pelo processo educacional na década de 1990, pelo menos nas escolas por onde passei, se recorda da “turma do fundão”, que era a turma “bagunceira” e que as professoras e professores chamavam mais a atenção e muitas vezes tinha alguém levado à diretoria.

Havia a turma das fileiras da frente, formada pelas queridinhas das professoras e professores, que recebiam mais atenção e que geralmente eram as pessoas que tiravam as melhores notas e tinham um rendimento escolar elevado.

Não me recordo de ter pessoas negras nas primeiras cadeiras, mas me recordo bem dos repetentes ao fundo que, na maioria das minhas memórias, eram negros, negras e negres como eu.

Como o IBGE (GHZ GERAL, 2019) nos mostra, a população negra tem mais dificuldade de concluir a escola no tempo adequado ou nem terminam os estudos.

Podemos até começar na frente, mas, qualquer deslize em ser uma ou um estudante repetente, no ano seguinte vamos fazer a mesma série só que na segunda ou terceira fileira, e a cada repetência mais distantes das alunas, alunos e alunes que a professora e professor dão atenção, e mais próximo do fundão. Fundão que geralmente não recebe a devida atenção para educação, mas sim para repressão, por não prestar atenção na aula.

O que deveria ter atenção é a condição que esse fundão tem de estar na escola, pois a “coreografia escolar”<sup>1</sup> vai levando suas crianças negras da frente para o fundo, visto que

**Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais  
Cuida de criança, limpa a casa, outras coisas mais  
Deu meio-dia, toma banho, vai pra escola a pé  
Não tem dinheiro pro busão  
Sua mãe usou mais cedo pra correr comprar o pão  
E já que ela tá cansada quer carona no busão  
Mas como é preta e pobre, o motorista grita: Não!**

**E essa é só a primeira porta que se fecha  
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa  
Chega na escola, outro portão se fecha**

**Você demorou! Não vai entrar na aula de História!**

**Espera! Senta aí, já já dá uma hora  
Espera mais um pouco e entra na segunda aula  
E vê se não se atrasa de novo, a diretora fala**

---

<sup>1</sup> Aqui reflito com André Lepecki (2012, p. 46) que afirma: “coreografia não deve ser entendida como imagem, alegoria ou metáfora da política e do social. Ela é, antes de tudo, a matéria primeira, o conceito, que nomeia a matriz expressiva da função política”, função que Hewitt (2005, p. 11 apud LEPECKI, 2012, p. 46) define como “a disposição e a manipulação de corpos uns em relação aos outros”.

**Chega na sala, agora o sono vai batendo**

**E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que, se a  
passagem é três e oitenta, e você tem três na mão**

**Ela interrompe a professora e diz: Então não vai ter pão**

**E os amigos que riem dela todo dia**

**Riem mais e a humilham mais, o que você faria?**

**Ela cansou da humilhação e não quer mais escola**

**E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola**

**O tempo foi passando e ela foi crescendo**

**Agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento**

**Que alisa o cabelo pra se sentir aceita**

**Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita**

**Agora ela cresceu, quer muito estudar**

**Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular**

**E a boca seca, seca, nem um cuspe vai pagar a faculdade,  
porque preto e pobre não vai pra USP**

**Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola**

**Que todos são iguais e que cota é esmola**

**Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade**

**Ela ainda acorda cedo e limpa três apartamentos no centro da  
cidade**

**Experimenta nascer preto, pobre na comunidade**

**Cê vai ver como são diferentes as oportunidades**

**(FERREIRA, 2018)**



- 5, 6, 7, 8 Entra na escola**
- 1, 2, 3, 4 Se espalhe no espaço por altura**
- 5, 6, 7, 8 Mais baixos na frente**
- 1, 2, 3, 4 Mais altos atrás**
- 5, 6, 7, 8 Ficou de recuperação**
- 1, 2, 3, 4 Não conseguiu passar de série**
- 5, 6, 7, 8 Negro da fileira 1 vai para 2**
- 1, 2, 3, 4 Chegou atrasada na escola porque perdeu o terceiro ônibus**
- 5, 6, 7, 8 Perdeu a prova de História**
- 1, 2, 3, 4 Ficou de recuperação**
- 5, 6, 7, 8 Não conseguiu passar de série**
- 1, 2, 3, 4 Negra da fileira 3 vai para 5**
- 5, 6, 7, 8 Faltou da escola porque não tinha passe**
- 1, 2, 3, 4 Fugiu da escola pra não sofrer racismo**
- 5, 6, 7, 8 Perdeu a prova de Matemática**
- 1, 2, 3, 4 Ficou de recuperação**
- 5, 6, 7, 8 Repetiu a 3ª série**
- 1, 2, 3, 4 Já é o maior da turma**
- 5, 6, 7, 8 Negre da fileira 7 vai pra 10**
- 1, 2, 3, 4 Atenção para as perguntas da fileira 1**
- 5, 6, 7, 8 Negres, Negras e Negros para o fundo**
- 1, 2, 3, 4 Fica quieto, fundão!**
- 5, 6, 7, 8 Chegou atrasada vai pra diretoria**
- 1, 2, 3, 4 Desisti de estudar**
  
- 5, 6, 7, 8 ...**

Depois que a Guarda Mirim acabou eu não estudava há três anos, tinha a 6ª série completa e estava desempregado. Mas, ainda precisava ter um emprego, pois, existir custa caro.

Assim, o pastor da igreja, que disponibilizava as aulas de danças da Cultura Hip Hop, me ofereceu uma vaga em sua confecção de roupas como auxiliar de pintor de camisetas (serígrafo). Passei a ser um trabalhador informal, pois era menor de 18 anos e não poderia ter carteira de trabalho assinada. Recebia duzentos e cinquenta reais (R\$ 250,00) na confecção para trabalhar 40 horas de segunda a sexta e mais 4 horas aos sábados.

Em 2005, durante o governo Lula, foi lançado um programa ProJovem Urbano<sup>2</sup> do Governo Federal que oferecia cem reais (R\$ 100,00) para jovens e adultos completarem o ensino fundamental em um ano e meio. Com isso, pude deixar de trabalhar na confecção e me dedicar à escola, pois os cem reais ajudavam em casa e meu padrasto não reclamava.

Quando estava quase finalizando esse projeto para concluir o 9º ano (antiga 8ª série), foi lançado um concurso público para guarda patrimonial na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) na minha cidade, Frutal, que exigia apenas o ensino fundamental para vaga. Antes mesmo de acabar o programa para finalizar a escolaridade exigida, fui aprovado no concurso, e com uma declaração da escola assumi o cargo.

Recebia duzentos e cinquenta (R\$ 250,00) da confecção, passei a receber cem (R\$ 100,00) para estudar, e estudando um ano e meio passei a ganhar mil duzentos e cinquenta (R\$ 1.250,00).

Dos funcionários e funcionárias da UEMG, eu era o que tinha menor escolaridade, pois todos tinham pelo menos ensino superior completo ou em curso. Trabalhando no meio daquelas pessoas com o passar do tempo fui sendo cobrado de forma indireta, pela sociedade, sobre qual seria a minha formação, pois eu já tinha mais de dezoito anos e “estava na hora” de começar o ensino superior. Além disso, todas as pessoas que eram minhas amigas já estavam no processo de escolher seus cursos, eu “tinha” que escolher o meu.

---

<sup>2</sup> O programa tinha o objetivo de “Elevar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos, que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando a conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania, na forma de curso, conforme previsto no art. 81 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [s.d.]).

Eu nunca parei de dançar em meio a esse mar de coisas, e meus coreógrafos seguiram para Educação Física, outros amigos de dança para a Fisioterapia, outras para outros cursos muito distantes da dança. No meio do caminho para escolher a graduação que eu cursaria, achei que Educação Física seria a graduação que contemplava a dança, mas acabei descobrindo que Dança é um outro campo de conhecimento bem distinto da Educação Física.

Como eu não queria ser um educador físico da dança, mas sim um artista da dança, não fui pela educação física.

Eu não tinha o ensino médio completo e o processo seletivo do Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) seria muito em breve. Eu poderia fazer o processo, mas para cursar eu deveria comprovar o ensino médio completo.

*“Mas Alexandre, você nem terminou a escola e já está pensando na faculdade!?” (frase epistemicida, autor indefinido)*

Prestei o processo seletivo<sup>3</sup> da UFU que era composto, além de uma prova de habilidade específica, a soma da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Fui aprovado em 1º lugar no exame de Habilidade Específica juntamente com a nota do ENEM. Embora não fosse o dançarino com mais experiência, desenvoltura ou virtuosismo, eu era, provavelmente, um dos mais dispostos a viver aqueles dois dias de exame, com toda disposição que eu tinha.

Escrevo sobre ter sido aprovado em 1º lugar não por ego ou vaidade, mas, como Grada Kilomba, escrevo

[...] muito mais para lembrar da importância de um percurso de consciencialização coletiva - pois uma sociedade que vive na *negação*, ou até mesmo da *glorificação* da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder e que as *muitas* identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? (KILOMBA, 2019, p. 12-13).

---

<sup>3</sup> O processo seletivo para a graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia, como de algumas outras graduações em Dança no Brasil, era composto por uma avaliação chamada Habilidade Específica, que avaliava uma suposta aptidão para o curso. Em 2014, quando realizei o processo, era constituído de testes práticos e escritos em dois dias, sendo o primeiro dia prático, e o segundo, teórico-prático.

Nós, pessoas negras, temos que tomar consciência de que somos bons, e que ser bom em alguma coisa não necessariamente está ligado a números e avaliações quantitativas, mas sim naquilo em que eu me destaco de forma qualitativa, naquilo que eu sei fazer de melhor. Não era algo da minha realidade familiar ser aprovado em uma Universidade Federal, muito menos em uma colocação daquela, no curso que eu escolhi e na primeira tentativa.

Durante os anos de escola estudei sempre sendo o mediano ou o retardatário da turma, todos saíam de férias e quem ficava de recuperação devia continuar indo à escola para “passar” de ano. Sempre quis ser o aluno bom da turma, mas por toda uma estrutura familiar defasada isso nunca foi possível, independente dos meus esforços.

Isso sempre me fez mal e hoje tendo acesso ao ensino superior e a pensadoras negras que se debruçam sobre questões de e sobre nós, pessoas negras na escola, eu consigo reconhecer que toda essa dificuldade de me manter na escola, de me sentir incapaz por não ir bem nas matérias e de ter que parar de estudar para trabalhar é o epistemicídio agindo, ou seja, a

[...] negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p. 97).

E, naquele momento, ser o 1º colocado no processo seletivo da graduação que eu escolhi me fez ser reconhecido e legitimado em algo em que eu sempre fui bom. Era como se as feridas de todos aqueles anos de ser ruim na escola estivessem sendo suturadas.

Aprovado no Curso de Dança, eu precisava finalizar o ensino médio. Passei um ano estudando durante as noites em que eu trabalhava. Como na minha casa não havia computador e muito menos internet, a única opção era estudar no horário do jantar no trabalho. Daqueles sessenta minutos: eu jantava em dez e estudava em cinquenta. Finalizei o ensino médio através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que possibilitava a conclusão com a realização das duas provas.

Dessa forma, fiz o ENEM uma vez para concluir o ensino médio e outra vez para usar a nota para somar à da Habilidade Específica do Curso de Dança. Estava

então habilitado para completar o processo seletivo da Graduação e ingressar no ensino superior.

Tudo certo, pronto pra começar o curso (figura 2).

**Figura 2:** Identidade Acadêmica



Fonte: Reconstrução do autor do documento original

Comecei o meu processo de inscrição na universidade e no formulário havia a possibilidade de me inscrever como preto ou pardo através das cotas raciais.

Eu tinha uma ideia formada sobre cotas raciais pela televisão. Para formar esse pensamento, tinha como referência no assunto outras pessoas negras que se posicionaram contrárias às cotas, como Mc Catra, um mestre de cerimônia (MC) preto retinto, e Caetano Veloso, um artista reconhecido nacional e internacionalmente. Além disso, concordava com uma ideia racista de que minha raça não é negra, mas sim humana. Assim, decidi não entrar por cotas raciais, já que, de acordo com meu pensamento da época, entrar por elas seria aceitar esmolas por não ser capaz de me esforçar.

A lógica era a seguinte: uma pessoa que mora na rua pede esmola por não conseguir um emprego. Eu estaria pedindo cotas raciais por não conseguir me esforçar para alcançar o “mérito” de estar no espaço acadêmico. Assim, entrar por

cotas raciais seria reconhecer que eu não queria me esforçar para entrar na universidade. Entrar por cotas raciais seria ser marcado por não estudar o suficiente para passar como “todo mundo” passa. Naquele momento, na minha cabeça as cotas raciais eram algo desonesto.

**Desonesto foi eu não ter tido meu direito resguardado por lei de ter uma educação de qualidade e uma alfabetização decente.**

**Desonesto foi minha família não ter tido estabilidade financeira pra que eu pudesse só estudar e não precisar trabalhar.**

**Desonesto foi passar dois anos da minha vida sem jantar direito, e estudar o que o Estado Racista Brasileiro recusou a me dar por direito.**

**Desonesto foi um adolescente negro ter que escolher entre estudar para ter um futuro melhor ou trabalhar para ter um presente decente.**

**“E nem venha me dizer que isso é vitimismo, não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo” (FERREIRA, 2018).**

Infelizmente, as cotas são necessárias hoje no Brasil. Eu tenho o sonho de que um dia elas sejam abolidas da nossa sociedade, por se tornarem desnecessárias.

Entretanto, tamanha era minha ignorância que eu não entrei por cotas raciais, mas por cotas de escola pública, uma outra modalidade de cotas, pois o estado brasileiro entende que estudar em escola pública é uma desvantagem quando comparado com pessoas que compram sua educação em escolas particulares.

Foi a primeira vez que eu tive um indício sobre a minha identidade racial social. Fazer a inscrição para ingresso foi algo que reverberou em mim por alguns dias depois. Foi a primeira vez que fui colocado de frente com esse “fantasma” da minha negritude, que até naquele momento eu achei que nem tinha.

Pedi exoneração do cargo que tinha como funcionário público estadual cuja remuneração, com os reajustes de salário, já era de quase três mil reais (R\$ 3.000,00), e fui cursar o Bacharelado em Dança na Universidade Federal de

Uberlândia, com dinheiro pra morar em uma república por três meses que era o tempo para que eu, supostamente, pudesse conseguir as bolsas de assistência estudantil.

## 2. TRAJETÓRIAS DE ENEGRECIMENTO

Entrar no processo de solicitação de bolsas de assistência estudantil foi, mais uma vez, algo que mexeu com minha identidade racial, já que eu deveria me enquadrar como branco, preto, pardo, amarelo ou indígena. E para minha confusão não havia as opções moreno, nem mulato ou mestiço.

Eu não queria me enquadrar como preto e achava que eu não era tão pardo assim, também não havia a opção negro, que, na minha concepção naquele momento seria entre preto e pardo, e era onde eu considerava que me encaixava. Uma evidente confusão entre raça e cor. Pois o meu entendimento de ser preto ou pardo estava apenas baseado no que eu via no espelho.

Na época em que trabalhei na confecção do pastor, era incentivado por uma funcionária negra a comprar produtos de clareamento facial e corporal para obter um tom mais claro. Vivia com a pele do rosto queimada pelos ácidos abrasivos daqueles produtos que deixavam minha pele esbranquiçada, o que me distanciava de alguma forma desse lugar de pessoa preta.

Nas várias escolas em que eu estudei, nos diversos bairros que morei, e até mesmo na minha família, ninguém nunca falou da minha raça nem da minha cor. O que pairava na minha mente era que a minha raça era humana e que eu não era tão escuro para ser preto.

Onde já se viu não ter moreno ou “marrom bombom” nas opções de cor para pleitear uma bolsa? Escolhi “pardo”, fazer o quê!?

Na minha turma de graduação em Dança éramos treze estudantes, e dentre eles, eu, Geni, Lórá e Robyn<sup>4</sup> éramos as únicas pessoas negras da turma que, naquele momento, eu conseguia reconhecer facilmente como negras, mas havia Nathy que é uma mulher negra de pele preta clara, que, por ter mais experiência com o espaço acadêmico, não tinha as mesmas dificuldades que nós.

Por ser um curso integral e, inicialmente, não termos bolsa de transporte e alimentação, Geni e Lórá faltaram muito no início do curso. Lórá engravidou, o que dificultou ainda mais sua permanência. Logo sua presença foi ficando mais rara. Geni era de uma outra cidade, e, a partir de um momento, não conseguia mais conciliar as aulas com uma oportunidade de emprego.

---

<sup>4</sup> Os nomes das pessoas foram alterados para preservar sua identidade.



Robyn, embora tivesse apoio da família, não pôde ser mantido financeiramente por completo. Ou Robyn não trabalhava e fazia a graduação, sem a possibilidade de lazer e tudo o que um jovem gosta e quer (passear, se divertir, ir ao cinema ou a uma balada, comer *fastfood* etc.), ou trabalhava e estudava buscando conciliar tudo, e levava a graduação com menos intensidade e dedicação.

Uma coisa nos unia para além do fato de sermos pessoas negras e estarmos no mesmo curso superior: todos nós tínhamos muita dificuldade com alguns conteúdos, com determinados tipos de leitura e determinadas matérias que deveríamos saber desde o ensino médio e que boa parte da turma minimamente sabia. Nós estávamos totalmente defasados.

Minha dificuldade de me manter no curso, além de todas as dificuldades da vida cotidiana inerente à vida acadêmica e de começar a vida do zero em uma cidade que não te conhece e nem você a ela, foi “estudar dobrado”. Tive que fazer uma graduação e ainda voltar a aprender conteúdos que eu deveria ter aprendido, mas que, por conta da minha trajetória escolar, não foi possível.

E outra questão é o Curso de Dança ter uma estrutura pedagógica racista, pois essa estrutura aplica o que Silvio Almeida (2019, p. 33) vai chamar de discriminação indireta, ou seja, quando uma pessoa ou espaço não leva em consideração as especificidades de grupos minoritários ou quando não leva em consideração a raça dessas pessoas que vai receber e as trata de forma igualitária e exige dessas pessoas, por exemplo, o mesmo conhecimento e desempenho educacional.

O que acaba evidenciando o epistemicídio que Sueli Carneiro (2005, p. 97) salienta em sua tese, o que nos leva enquanto alunes negras a nos sentirmos inferiorizadas, impossibilitadas de produzir uma reflexão, por muitas vezes não conseguir ter a mesma desenvoltura de articulação de outras pessoas não negras e, por consequência, ter nossa autoestima intelectual comprometida.

## **2.1 Por onde enegreci**

Uberlândia é uma cidade do interior do estado de Minas Gerais localizada na região sudeste do Brasil. E aos poucos fui conhecendo a cidade em sua arquitetura e em sua história. Sofri meus primeiros ataques racistas no centro dela. Fui chamado de macaco junto com Robyn por um casal branco de dentro de seu carro em um final de semana de festa nas férias.

Passei a ouvir relatos do histórico da cidade, que tem uma carga muito forte de racismo, e que pelo visto está presente até hoje, pois há relatos de que

[...] sempre teve muito racismo aqui em Uberlândia. Então, quando a cidade começa assim, as pessoas que vai entendendo a cultura da cidade, vai levando e não consegue sair, infelizmente, Uberlândia não conseguiu sair do racismo, até hoje não conseguiu (BRASILEIRO, 2019, p. 67).

Pesquisando a história na internet e falando com pessoas da cidade fui tendo uma outra visão do município e de mim mesmo neste lugar. Não sei se por conta de observar com mais atenção ou se com o passar do tempo minha aparência ir se aproximando do que a cidade compreende como uma pessoa negra (figura 3). Uberlândia foi me mostrando o quão negro ela me via e que eu não sabia o quanto eu era/sou.

**Figura 3:** Identidade Acadêmica



Fonte: Reconstrução do autor do documento original

Passei por várias dificuldades durante o curso, e uma delas foi a financeira; eu não tinha dinheiro nem para cortar o cabelo, muito menos continuar a usar os cosméticos clareadores. Logo meu tom de pele escureceu e deixou de ser esbranquiçado. Quando fui deixando meu cabelo crescer, fui descobrindo esse

cresto que eu nunca havia visto grande. Por ordens do meu pai, a minha mãe na infância cortava meus cabelos bem baixinho, antes mesmo de eu me entender como gente.

Esse cabelo crespo, *black power* involuntário, me fez ser seguido nos mercados, nas lojas, ouvir comentários racistas sobre ele, me fez ser mais vigiado, tudo pela estrutura racista que impera na nossa sociedade.

Passei a viver nesses dois mundos: a universidade e a cidade de Uberlândia. Dos muros para dentro discussões sobre racismo, colorismo, cultura negra, resistência, movimento negro, movimento “Vidas Negras Importam” e tantas outras coisas. Dos portões para fora, ser chamado de macaco, ter o cabelo puxado, ser seguido no mercado e ter minha presença como algo que devesse desconfiar.

Passei todos esses anos de curso vivendo esses dilemas, e a cada palestra e conversa formal ou informal fui tendo minha identidade como pessoa negra reafirmada, e a cidade de Uberlândia seguindo firme me chamando, me vendo e me vigiando “como se faz com um negro”.

Cidade onde coexistem o racismo, o antirracismo e o ativismo de pessoas negras. Passo a questionar minha identidade e começo a cogitar que talvez eu pudesse ser um homem preto e não um moreno ou mestiço.

## 2.2. Impretescência

Destaco um acontecimento neste trajeto: meu encontro com a Musa Michelle Mattiuzzi durante um evento do Curso de Dança chamado PARALELA, quando ela performou “Merci beaucoup, blanco”<sup>5</sup>. Uma performance em que Musa fica nua e se pinta de branco com uma lata de tinta, e sai caminhando pela universidade em um dia letivo, toda pintada, e tem seu corpo lavado por um cozinheiro do restaurante universitário.

Na minha assimilação de sua performance percebo as questões de identidade, de clareamento e de recusa daquela tinta branca que a clareava. Me fez lembrar quando eu passava cosméticos de clareamento facial e corporal para ter um tom mais claro.

---

<sup>5</sup> Para informações e imagem da performance, ver: <http://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2206502>.

Além disso, essa performance me fez refletir sobre vários aspectos, um deles foi o aspecto existencial de ser uma pessoa negra. Outro foi o tipo de arte que uma pessoa pode produzir, e o que essa arte pode levar o público a refletir e, quem sabe, mudar seu ponto de vista ou outra coisa. Eu queria causar em outras pessoas o que ela causou em mim, com a arte que até aquele momento eu não produzia.

Minhas técnicas de danças vêm da Cultura Hip Hop, que são danças negras nascidas nas periferias norte-americanas e que tem sua adaptação ao contexto brasileiro. Ao final da graduação em Dança na UFU, há um componente curricular chamado “Estágio Supervisionado de Ateliê do Corpo/Atuação I, II, III”, que é um período do curso quando desenvolvemos um processo criativo durante um ano e meio, partindo do zero, passando pela criação e finalizando em uma circulação do trabalho artístico.

Sempre tive o desejo de estudar sobre as expressões faciais nas danças da Cultura Hip Hop e comecei meu processo por esse lugar, e tracei desenvolver uma pesquisa nessa direção. Mas, durante o desenvolvimento do Estágio, ocorreu o assassinato de uma Vereadora Negra moradora da Comunidade da Maré, periferia do Rio de Janeiro, Marielle Franco, a 5ª vereadora mais votada de seu estado (G1 GLOBO.COM, 2018), com repercussão na imprensa internacional (G1 GLOBO.COM, 2018). A comoção nacional ocorreu por ser um assassinato por motivações políticas. Mais especificamente, hoje o Ministério Público considera que foi motivado por uma repulsa de um dos suspeitos pela luta de Marielle. Luta pelas minorias (G1 GLOBO.COM, 2019).

Marielle Franco era uma mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré. Era socióloga e mestre em Administração Pública.

Eu tive tantas dificuldades e obstáculos para concluir o ensino fundamental, médio e ingressar no ensino superior; aquela notícia do assassinato de uma mulher negra com seu histórico e importância, me fez refletir sobre tudo aquilo que eu havia ouvido nas palestras, conversas e performances. O racismo é real e ele mata pessoas negras, como eu, como Marielle.

Eu estava, e ainda estou, em um processo de enegrecimento, físico, mental, intelectual e artístico. O assassinato de Marielle Franco não saía dos jornais, das redes sociais e nem das conversas dentro e fora da universidade. Sua morte acabou “causando uma enorme comoção no país, por todos os motivos. Uma jovem

liderança, num país carente de líderes, e que defendia os negros, os apartados de uma cidade partida” (G1 GLOBO.COM, 2018).

Como eu poderia continuar dançando e pesquisando sobre expressão facial nas danças da Cultura Hip Hop depois da morte de uma pessoa negra em um cargo tão importante, representando tantas pessoas como eu? Como eu podia ignorar sua morte, eu, um homem negro, que estava me conscientizando sobre quem sou e que lugar ocupo na sociedade?

Me lembrei do que Musa Mattiuzzi me fez sentir naquele dia em sua performance. Me veio o desejo de fazer com que outras pessoas pudessem refletir sobre a morte de Marielle, a morte de pessoas negras, através da minha arte.

A morte de Marielle, que não era só a dela, mas de muitas pessoas negras que morreram antes dela e que não tiveram a mesma repercussão por serem pessoas anônimas, ou pelo fato de suas mortes não serem registradas como a de George Floyd, um homem negro estadunidense que foi assassinado por um policial branco com os joelhos em seu pescoço, o matando asfixiado, mesmo quando Floyd estava imobilizado e dizendo que não conseguia respirar (G1 GLOBO.COM, 2020).

**Zumbi, PRESENTE;**  
**Dandara, PRESENTE;**  
**Miguel Otavio, PRESENTE;**  
**Kauã, PRESENTE;**  
**Ágatha, PRESENTE;**  
**Kathlen Romeu, PRESENTE;**  
**Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, PRESENTE;**  
**Marielle Franco, PRESENTE;**  
**João Pedro Matos pintos, PRESENTE;**  
**Carlos Marighella, PRESENTE;**  
**Romualdo Rosário da Costa (Moa do Katendê), PRESENTE;**  
**Hélio Ribeiro, PRESENTE;**  
**Jhonnathan Sthymmatt, PRESENTE;**  
**Wilton, PRESENTE;**  
**Wesley, PRESENTE;**  
**Jesus Cristo, PRESENTE;**  
**Luara Victoria de Oliveira, PRESENTE;**  
**Bruno Gabriel dos Santos, PRESENTE;**  
**Gustavo Cruz Xavier, PRESENTE;**  
**Eduardo Silva, PRESENTE;**  
**Dennys Guilherme dos Santos Franco, PRESENTE;**  
**Mateus dos Santos Costa, PRESENTE;**  
**George Floyd, PRESENTE;**  
**Marcos Vinicius, PRESENTE;**  
**tantas, tantos e tantas outres, PRESENTES.**

Figura 4: Identidade Acadêmica



Fonte: Reconstrução do autor do documento original

Decidi mudar minha pesquisa artística para abordar as urgências daquele momento, abordar coisas que eu não tinha consciência até então, mas que obtive através de pessoas negras ativistas como: Marielle Franco, Preta Rara, Jota Junior, AD Junior, Carol Bandida entre outras.

O assassinato de pessoas negras como nós, no Brasil, ocorre simplesmente por lutar por equidade em um país racista e desigual como o nosso, ocorre apenas por existirmos, por sermos negras. O assassinato de Marielle, embora tenha causado comoção nacional, também evidenciou grupos de pessoas que não estavam sensibilizados com aquele brutal acontecimento, relativizando sua morte. Figuras globais e famosas do sertanejo nacional brancas, por exemplo, disseram que “tudo não passa de um exagero” (UOL, 2018), e que pessoas brancas morrem todo dia e que não há a mesma comoção.

“Caiu uma outra ficha” para mim naquele momento: estamos sempre distraídas, pela televisão, pelo futebol, pela série do momento e por tantas outras coisas, que me fez lembrar a letra da música do Punkzilla: “Você não imagina o motivo que está por trás. Lá está ele, o velho pão e circo preparado, pra te tirar atenção.

Enquanto você grita gol, eles estão te roubando” (PUNKZILLA!, 2020).  
Parafrazeando, enquanto você grita gol, eles estão nos matando.



### 3. PRETEXTO COR[AGE] E SUAS IMPRETESCÊNCIAS

A partir da minha história de vida com a escola e a universidade, o encontro com Musa Mattiuzzi e o assassinato de Marielle Franco, crio o solo de dança contemporânea “PREtexTO Cor[Age]” (figura 5), no contexto do Estágio Supervisionado, com a orientação de Ricardo Alvarenga e preparação corporal de Fernando Barcellos, com estreia no dia 1º de dezembro de 2018, como parte do Circulandô<sup>6</sup> e da PARALELA<sup>7</sup>, na Universidade Federal de Uberlândia.

Nesse solo busquei condensar o racismo estrutural<sup>8</sup>, violência física, cotas raciais, “pão e circo” (as distrações que nos anestesiaram para não percebermos problemas da sociedade) e a luta cotidiana de uma pessoa negra em se manter viva e alfabetizada. Luta essa que não tem rosto, nem história, pois são apenas números nas estatísticas do IBGE.

Trouxe como outro pilar para o trabalho a invisibilidade de pessoas negras que, embora sejamos mais de 50% da população brasileira, ainda não somos vistos e vistas pertencendo e ocupando os diversos espaços da sociedade (SOCIALISMO CRIATIVO, 2019). E o espaço que venho enfatizar em “PREtexTO Cor[Age]” é o educacional, com ênfase na universidade.

---

<sup>6</sup> Circulandô é o projeto de circulação dos trabalhos artísticos desenvolvidos nos componentes curriculares de Estágio Supervisionado do Curso de Dança UFU ao longo de três períodos letivos. Foi criado em 2015 pelas professoras Cláudia Góes Müller e Alexandre José Molina.

<sup>7</sup> “A PARALELA surgiu em 2015, como uma proposta do grupo de pesquisa SPIRAX, coordenado pelo artista e professor Alexandre Molina, para compartilhar as atividades desenvolvidas pelos estudantes do componente curricular Práticas em Dança II: performances do corpo, do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). [...] a PARALELA tomou fôlego e tornou-se um evento independente. Esse formato vem se aprimorando ao longo dos anos, sempre em diálogo com o contexto histórico-político-social que o Brasil está vivendo” (PARALELA – PLATAFORMA DE ARTE, c2015).

<sup>8</sup> De acordo com Silvio Almeida (2019, p. 50), “[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, não exceção”.

Figura 5: Solo PREtexTO COR[Age]



Fonte: Foto Divulgação: PREtexTO Cor[Age]  
Foto: Jemerson Carlos Bob.

O solo é dançado a todo momento de costas e quando me viro para o público sempre tem algum elemento cênico que esconde meu rosto. Foi a forma com que busquei trazer a questão da invisibilidade. O que também dramaturgicamente se trata de uma não personalidade, já que essa dança não é sobre mim, mas sobre nós pessoas negras. Somos violentadas e assassinadas todos os dias, mas ninguém sabe ou quer saber de fato quem somos.

Trabalhei os obstáculos que nós pessoas negras temos para concluir a escola e de nos mantermos no ensino superior através de metáforas, que busquei estabelecer com os livros, objetos que uso em cena (figura 6 e 7), e a dificuldade de mantê-los sobre a cabeça. Os equilíbrio na cabeça explorando maneiras de me locomover no espaço, me desafiando a mantê-los equilibrados sem que caíam no chão. Danço, sambo e rebolo até o chão com os livros na cabeça, pois ouvi muito que teria que rebolar se eu quisesse me formar em uma federal. E rebolei. E rebolo. E

estou rebolando nesse exato momento em que escrevo esse Trabalho de Conclusão de Curso.

**Figura 6:** Solo PREtextO COR[Age]



Fonte: Registro da estreia do solo, na sala de Encenação do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Foto: Jemerson Carlos (Bob).

Figura 7: Solo PREtexTO COR[Age]



Fonte: Registro da estreia do solo, na sala de Encenação do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Foto: Jemerson Carlos (Bob).

Outra questão explorada nesse trabalho artístico era a questão da política do pão e circo. Uma política que em sua origem

[...] tinha como objetivo o apaziguamento da população, na sua maioria, da plebe, através da promoção de grandes banquetes, festas e eventos esportivos e artísticos, assim como subsídios de alimentos (distribuição de pães e trigo). Assim, esses eventos tinham a função de entreter a plebe, despolitizando a mesma e evitando contrapontos políticos aos imperadores como reivindicações ou levantes populares. Também tinham a função de aumentar a popularidade dos líderes romanos (QUERO BOLSA, 2019).

Esse contexto que é facilmente reconhecido na nossa atualidade com o futebol, carnaval, televisão aberta, e tantos outros elementos que se colocam como anestesia e distração para a população.

O próprio solo como um todo é uma oposição a essa política que visa apaziguar, entreter e não contrapor problemas políticos. “PREtexTO Cor[Age]”, diferente da pesquisa inicial sobre a expressão facial nas danças da Cultura Hip Hop, é um pretexto para quem quer ver uma dança bonita e virtuosa, a partir de uma técnica de dança específica, encontre o desejo em discutir política, violência, racismo, invisibilidade e uma realidade muitas vezes ignorada, explicitada em sua frente.

Dos vários elementos que têm um grande poder de distração social, eu trouxe o futebol como questão provocadora, devido ao período de criação de “PREtexTO Cor[Age]” em que ocorria a Copa de 2018. No solo, enquanto é projetado um vídeo do Rei Pelé fazendo um gol, a torcida indo ao delírio, se escuta o locutor de futebol Galvão Bueno narrando a ação e chamando o grito de gol. “Olha o gol, olha o gol, olha o gol, GOOOOOOLLLLLLLLLL”. Junto a isso trago o hino nacional brasileiro, a música que representa o nosso país, que foi “o último país do Ocidente a abolir a escravidão” (BBC NEWS, 2018), o país que a cada 23 minutos mata um jovem negro de acordo com o mapa da violência (FLACSO BRASIL, 2014).

“PREtexTO Cor[Age]” também traz em sua trilha um áudio de um vídeo que viralizou nas redes sociais de um homem negro chamado Jr Jota, que tem como profissão coletor de resíduos urbanos pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) da cidade do Rio de Janeiro (RAZÕES PARA ACREDITAR, 2018).

Jr Jota gravou esse vídeo por ter postado duas fotos na sua rede social. Uma das fotos era da formatura do curso de medicina de médicas e médicos brasileiros em que havia apenas uma pessoa negra. A outra imagem era um coletivo de garis onde todos eram negros. Após comentários menosprezando a reflexão de Jr Jota, ele apagou as fotos e publicou esse vídeo, cujo áudio foi utilizado no solo.

O vídeo que Jota gravou fazia uma reflexão sobre o contexto histórico do Brasil escravocrata e que deixou de herança para sua população negra o que é delas e o que é de pessoas brancas para pessoas brancas. Onde pessoas brancas cabem e onde pessoas negras não cabem? Quais profissões são de pessoas brancas e quais são de pessoas negras? Jota dá uma aula de história consciente e crítica do nosso país, por ser um homem negro, jovem, ter a profissão de gari e ter uma grande reflexão, com palavras acessíveis para as pessoas mais “simples” e para os doutores e doutoras acadêmicas, o vídeo teve repercussão nacional.

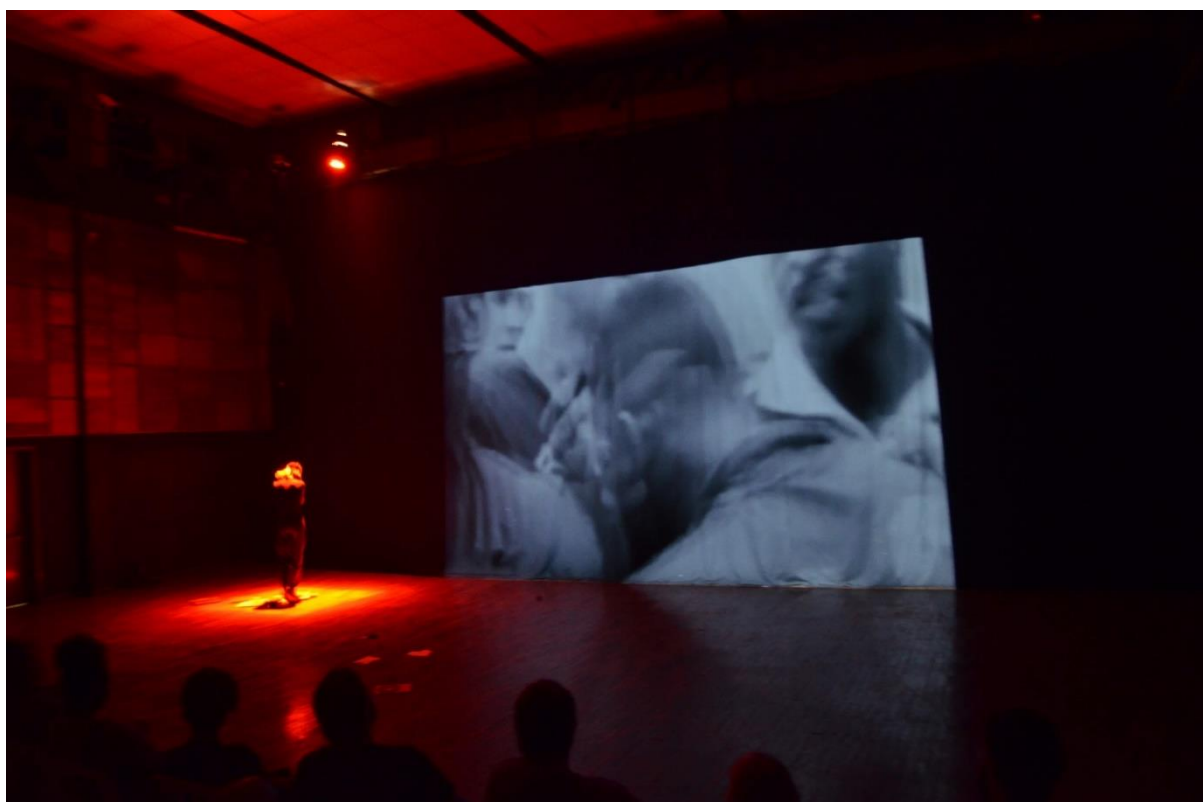
Esse vídeo também me atravessou de maneira ímpar e me contextualizou, como ninguém havia feito, sobre a grande injustiça que é ser uma pessoa negra herdeira da escravização no Brasil.

A questão do que é coisa e lugar de pessoas negras ou brancas entra no trabalho artístico através de uma projeção que exhibe um grande retângulo branco na horizontal projetado na parede. Ele vai criando algumas frestas pretas, que é, segundo a proposta que criei, onde eu posso dançar. Às vezes eu tenho mais espaço e em outros momentos tenho que dançar espremido em uma fresta. Durante toda

essa dança, tem um laser vermelho fazendo mira em minha cabeça. A tarefa que me propus era me manter no espaço preto, dançar e desviar da mira do laser. Junto à minha ação há o discurso de Jota em áudio, que passa de um tom amigável e explicativo para um tom mais combativo. O que era um espaço preenchido por um retângulo branco vai dando espaço para a ocupação de um retângulo preto.

Outra crítica do trabalho é ao Estado Brasileiro, que é conivente com esse contexto de violências. Enquanto eu “devorava os livros”, o hino nacional adicionado de sons de fuzis e outras armas tocava, e “desvio” desses ataques de fuzis. Simultâneo a isso, uma projeção do Rei Pelé fazendo um gol e comemorando com a torcida é exibida na parede (figura 8). O que você está fazendo enquanto a gente morre?

**Figura 8:** Solo PREtextO COR[Age]



Fonte: Registro da estreia do solo, na sala de Encenação do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Foto: Jemerson Carlos (Bob).

Depois dessa tensão entre manipular os livros, tiros do hino nacional e a violência, ao final do solo eu trago o vídeo “Formatura Preta: faço questão de botar no meu take que pretas e pretos estão se formando”<sup>9</sup> (L8, 2018), que é uma obra que

---

<sup>9</sup> Ficha técnica:  
Roteiro, câmera e edição: Matheus L8 (@matheusl8)  
Finalização: Matheus Pirajá (@mpiraja)

exalta a formatura no ensino superior de cinco formandes pretes reais. Trago esse vídeo pois meu desejo não era apenas explorar as mazelas de ser uma pessoa negra no processo educacional, mas que, apesar dos pesares, estamos “metendo o pé na porta” da academia e nos formando, produzindo conhecimento nas diversas áreas do saber a partir da nossa perspectiva.

Logo, a questão do corpo negro na educação se tornou um objeto de pesquisa e de criação. Pesquisa artístico-acadêmica que, a partir de “PREtexTO Cor[Age]”, dei continuidade em várias outras obras que bebem dessa fonte. Fonte de indignação, revolta, empatia, dor, resistência e resiliência.

Através desse primeiro solo, fui um dos vinte artistas negres dos dezessete países da América Latina a ser selecionado para uma residência internacional, projeto Criadores Negros na Dança, que ocorreu no Centro Coreográfico da cidade do Rio de Janeiro através do Programa Ibero-americano de Cooperação para as Artes Cênicas (IBERESCENA).

Essa residência teve como eixo principal o conceito de decolonialismo do sociólogo peruano Aníbal Quijano, um conceito que busca problematizar a construção de conhecimento hegemônica que universaliza o saber, tornando a decolonialidade uma prática de oposição e intervenção a esses saberes universalizantes do colonizador sobre a população colonizada (BERNARDINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016). Um conceito que se articula muito com a construção de conhecimento acadêmico e não acadêmico, e que me levou a criar o solo “COM-JULGAÇÃO”.

Em “COM-JULGAÇÃO”, solo como desdobramento de “PREtexTO Cor[Age]” articulado ao decolonialismo, utilizei a restrição de não utilizar técnicas, trilhas sonoras ou quaisquer elementos que me remetesse à colonização. Assim, utilizei músicas compostas por pessoas negras, danças negras como técnica de dança e dois elementos entraram no decorrer do processo como elementos “colonizantes” ou heranças da colonização.

Um desses elementos “colonizantes” foi um “livro branco”, de páginas brancas com imagens dos grandes homens brancos que invadiram o Brasil (os “heróis” da pátria), e, o outro, o prendedor de roupas que é um objeto que eu e muitas pessoas negras já utilizaram para tentar deformar o nariz com o desejo de afiná-lo.

O prendedor tem um papel simbólico em sinalizar a recusa de pessoas negras por um de seus traços negroides, como se esse aparato pudesse nos tornar pessoas menos negras. Logo, esgarço essa imagem do prendedor que recusa o nariz, estendendo-a por todo o corpo (ver figura 9), associada a um movimento de tremor que faz referência a uma incorporação espiritual de uma entidade. A partir do tremor, cada um dos prendedores vai caindo, e de minha boca sai um líquido preto que cai sobre as páginas brancas escurecendo todas elas. Páginas brancas que representam para mim a compilação dos saberes brancos hegemônicos do colonizador.

“COM-JULGAÇÃO” é uma dança que se coloca como um ritual de enegrecimento do conhecimento e de suas formas de acontecer. É um chamado a olhar para o que, e com quem trabalhamos. Quem são as nossas referências? Quais são? Dentro e fora do espaço acadêmico, quem nos embasa artística e cientificamente?

A ação é simples, tremer, remover os prendedores, manchar as páginas brancas de preto e dançar o que meu corpo negro quer. Axé, Funk, Danças da Cultura Hip Hop e tecnologia travesti.

Outra questão de criação foi pensar no conhecimento e no poder das palavras, e no domínio que a escrita tem sobre a nossa sociedade. Pensando em um país de onze milhões de pessoas analfabetas (AGÊNCIA SENADO, 2020) que dependem da leitura e da escrita para reivindicar seus direitos, e que por falta desse domínio não conseguem. Imagina conseguir se expressar sobre outros assuntos pertinentes à sua identidade social em lugares que exigem esse domínio?



**Figura 9:** Solo COM-JULGAÇÃO



Fonte: Foto Divulgação. Solo COM-JULGAÇÃO desenvolvido durante a Residência Artística no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro.  
Foto: Camila Rocha Edição: Alexandre ROIZ

Hoje eu questiono, através da minha arte e da minha existência, meu lugar no mundo e o lugar do mundo em mim, porque eu acessei um conhecimento, mesmo que de forma tardia, sobre quem eu sou e onde estou localizado na sociedade. E me descobrir um homem negro me deu consciência de estruturas racistas que dificultam meu acesso em certos lugares na sociedade.

Descobrir-me negro aos 26 anos foi um grande choque e me apoderar conscientemente dessa identidade social me deu poderes para enfrentar a realidade de uma sociedade racista de frente, sem ser atacado distraído.

Me preocupo com a construção da identidade negra e que no meu caso aconteceu de forma tardia. Como diz Neusa Santos Souza (1983. p. 77), “[...] ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

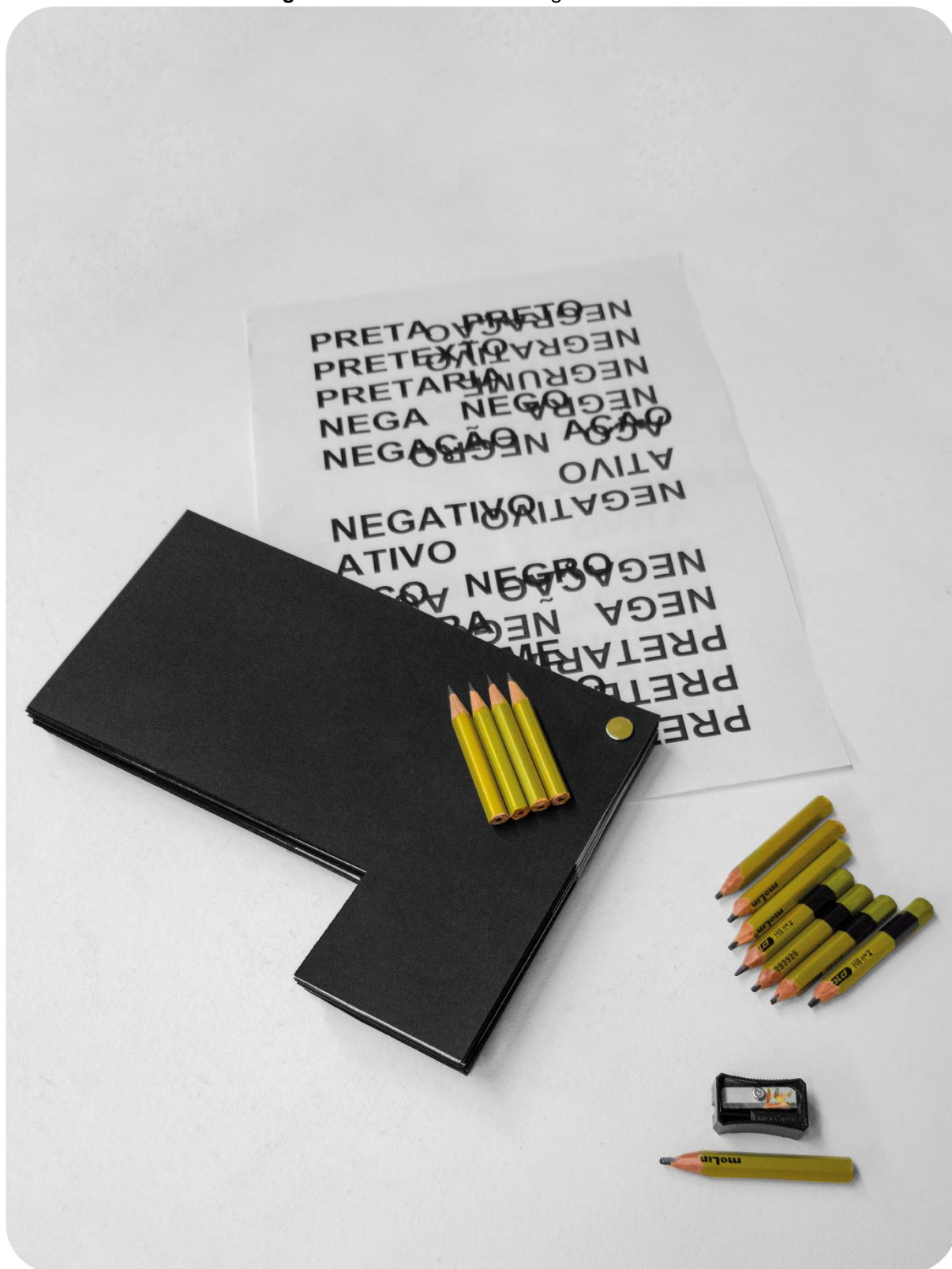
Em 2019, através da oficina “Práticas para Caminhar no Escuro” de Leonardo França<sup>10</sup> e Lia Cunha<sup>11</sup>, na PARALELA, crio a performance impressa que nomeei como “Livro-arma”, uma performance que se dá nas páginas de um livro preto em formato de arma (Figura 10). Metaforizando o livro que guarda ideias e conhecimentos como uma arma de transformação de si e do mundo. Arma que com a munição certa tem o poder de transformar uma sociedade que transformará o mundo.

---

<sup>10</sup> Leonardo França é um artista do corpo que faz do estilhaçamento um modo de operar na sua produção estético-política. Produz colaborativamente com vários artistas da dança, cinema, música, artes visuais e teatro. Graduado e mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), atualmente desenvolve uma pesquisa de doutorado nessa mesma instituição.

<sup>11</sup> Lia Cunha é bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atua como ilustradora, diretora de arte, designer, editora e performer. Vive e trabalha em Salvador, onde desenvolve projetos colaborativos e investiga o livro de artista em suas possibilidades transdisciplinares através da Duna, estúdio criativo, atelier e editora. Em 2014 integra a equipe da Tiragem: laboratório de livros (EBA - UFBA) como membro do conselho editorial, onde passa a atuar, em 2019, como diretora de arte da Revista Miolo. Desde 2019 colabora como ilustradora nas edições de domingo do jornal Correio da Bahia.

**Figura 10:** Performance de Página Livro-Arma



Fonte: Acervo pessoal. Foto da Performance de Página, chamado Livro-Arma Desenvolvido durante a Residência Artística Práticas para Caminhar no Escuro de Leo França e Linha Cunha. Proposta pelo Projeto Bólido-Livro e a PARALELA em setembro de 2019.  
Foto: Alexandre ROIZ.

“Livro-arma” traz em suas páginas uma paleta de cores que remetem a cores de peles, oriundas de mostruário de cores de tinta de parede de empresa bastante conhecida. Nesse mostruário, as cores mais escuras são nomeadas como “fazenda brasileira”, por exemplo, e quanto mais claras vão se tornando as cores recebem nomes como “leveza do campo”, “caminho da vitória”, até chegar em cores bem claras que são nomeadas, por exemplo, como “intuição divina” (ver figura 11).

Os nomes dessas cores são de uma empresa de tintas de parede bem importante e significativa no país. Ela decidiu atribuir às cores escuras determinados nomes, e às claras, outros. O tom mais escuro possível para uma pele é nomeado como “fazenda brasileira” e o tom mais claro e branco é chamado “intuição divina” que faz conexão com Deus. Criando inconscientemente valores “bons” para tons claros e os relacionando ao divino, e associando conceitos “ruins” para tons escuros.

Isso se relaciona com o fato de que muitas pessoas negras, inconscientemente, ao invés de nomearem sua pele como preta, independente do tom mais claro ou escuro, se chamem de morenas, pardas, mulatas, mestiças ou qualquer outra nomenclatura que se distancie da cor da “fazenda brasileira” e se aproxime da “intuição divina”. Pois, a linguagem assume o papel de “[...] objeto de uso ocidental que reforça os regimes colonialistas e, com efeito, nomeia e conceitua o mundo a partir de uma visão de dominação. Nessa perspectiva, a linguagem seria usada como ferramenta de poder sobre os não brancos” (NASCIMENTO, 2021, p. 250). Logo, a língua, o português, traz em sua herança linguística as visões de mundo de uma sociedade racista que o constituiu.

**Figura 11:** Performance de Página Livro-Arma

 <p>Intuição Divina</p>	 <p>Intuição Divina</p>	<p>A intuição divina vem apenas da branquitude. A intuição divina é branca e alva como a neve, que nasce e brota da branquitude. O divino esta no branco e claro atrelado a pessoas brancas. Quanto mais branco mais proximo de Deus, quanto mais escuro mais você merece estar na fazenda trabalhando para os brancos</p>
 <p>Caminho da Vitória</p>	 <p>Caminho da Vitória</p>	<p>O caminho da vitória, em uma sociedade racista e eugenista esta ligado a vitória de pessoas pretas que deveriam buscar se parecer e se aproximar esteticamente da branquitude, do seu tom claro, dos seus traços que equivocadamente é atrelado apenas a pessoas brancas. O caminho da vitória é clarear até esbranquiçar.</p>
 <p>Leveza do Campo</p>	 <p>Leveza do Campo</p>	<p>A leveza do campo é mais clara em relação a cor das arvores da montanha, talvez pelo serviço ser mais leve ou por essas pessoas escravizadas aparentemente estarem mais ornamentadas do que as pessoas escravizadas na montanha, ou por ser mais claras merecerem um trabalho menos pesado.</p>
 <p>Árvore da Montanha</p>	 <p>Árvore da Montanha</p>	<p>A cor das arvores da montanha, são marrons como a cor das pessoas que escravizadas foram obrigadas a cortá-las e transportá-las para construir a casa de pessoas brancas no Brasil.</p>
 <p>Fazenda Brasileira</p>	 <p>Fazenda Brasileira</p>	<p>A cor da fazenda brasileira é escura e retinta desde o início do processo violento de escravização de pessoas pretas do continente africano. A Coral de forma conciente ou inconciente explora essa relação histórica do tom de pele das pessoas que deram cor as fazendas de pessoas brancas brasileiras.</p>

Fonte: Arquivo desenvolvido para compor um dos conteúdos do Livro-Arma. Imagens: São Pedro Claver – Evangelizando escravizados africanos. Autore desconhecido. A Redenção de Cam. Modesto Brocos, (1895); Escravizados no campo. Autore desconhecido; Extração do ouro. Johann Muritz Rugendas (1835) e Engenho de Cana - São Carlos Por Hercule Florence (1840).  
Imagens da internet.

O desejo do “Livro-arma” é discutir sobre algumas das questões que prejudicam a construção da identidade negra brasileira. Levar essa performance impressa até crianças negras é o desejo de um primeiro passo para a discussão desses assuntos de forma precoce com as futuras gerações, contribuindo com seu processo de se tornar uma pessoa negra.

**Figura 12:** Performance de Página Livro-Arma



Fonte: Arquivo Pessoal. Livro-Arma sendo criado, com suas páginas abertas, e alguns conteúdos sendo adicionados.  
Foto: Alexandre ROIZ.

Nas páginas do “Livro-arma” eu trago essas reflexões dos nomes das cores e os nomes que damos a nós mesmos enquanto pessoas (figura 12). E busco salientar esse racismo linguístico do nosso idioma. Um exemplo bem popular é: por que a pomba branca significa paz, e a galinha preta é da macumba? E, por que a macumba é do mal e o cristianismo com um Jesus (branco, loiro de olhos azuis) é do bem?

Com essa mesma relação de termos relacionados à identidade racial e os processos de construção da identidade negra, dancei um dos capítulos da 1ª Mostra de Dança Impressa (MDI) de Marcelo Camargo que foi lançada na Mostra PARALELA em sua 7ª Edição, 2021. Essa dança se chama “Pra ficar mais claro, eu escureci”, que é um trecho da música de Rincon Sapiência (2017), e que para mim tem um

grande posicionamento no que se refere a termos racistas no idioma português, em expressões como: “pra ficar compreensível tem que clarear” ou “ficou claro pra você?”.

“Pra ficar mais claro eu escureci” é uma dança imbuída do meu processo de construção como pessoa negra que se descobriu negra tardiamente (figura 13). É composta por trinta e duas imagens do meu rosto, que vão se modificando de um tom muito claro até um tom muito escuro. Há também um texto que percorre meu rosto, e que está com uma cor clara que vai escurecendo de acordo com meu processo de enegrecimento. Pergunto para as possíveis pessoas negras que acessam essa dança: “O que te aconteceu em sua vida que o enegreceu?”, entre outras perguntas que possam gerar uma reflexão sobre sua construção, ou da falta de consciência dessa identidade social negra.





A última obra que criei e que é contemporânea da MDI eu nomeei como “A Conscientização de Cam”, uma reflexão sobre um quadro a óleo de 1895 chamado “A redenção de Cam”, do pintor Modesto Brocos. O quadro aborda teorias raciais contestáveis do final do século XIX e o desejo pelo “branqueamento” progressivo da população negra por meio da miscigenação (SANTOS, 2017).

Cam é um personagem bíblico, era filho de Noé (o homem que construiu uma arca para abrigar os casais de animais antes do dilúvio que destruiria a Terra). Noé em uma noite se embriagou e dormiu bêbado, seu filho Cam o viu nu, e, ao invés de cobri-lo, foi contar aos irmãos que o pai estava nu. Os irmãos de Cam foram cobrir seu pai (Noé) sem vê-lo despido, virando os rostos. No dia seguinte Noé sabe o que Cam fez e o amaldiçoa juntamente com seu neto que se chama Canaã (filho de Cam), de modo que Canaã, e toda sua descendência, seriam servos dos outros irmãos.

Deste conto bíblico vem o nome da obra de Modesto Brocos. A redenção de Cam, propriamente dita, seria conseguir a descendência de Cam se clarear por permissão divina, para assim ser perdoado do suposto mal que fez a seu pai.

Noé teve três filhos, Sem, Jafé e Cam, que foram responsáveis por povoar o mundo. E a partir da etimologia de seus nomes foi atribuída à sua descendência um tipo de característica. Sem, que significa “nomeado” ou “fama”, teria dado origem aos povos semitas que hoje conhecemos como arameus, assírios, babilônios, sírios, hebreus, fenícios e caldeus. Jafé, que significa “aberto”, “ampliado”, “loiro” ou “luz”, teria originado os caucasoides indo-europeus, indo-germânicos e indo-arianos. Cam, por sua vez, significa “quente, queimado ou trevas”, teria originado os povos mongóis e os negros. Um dos netos de Cam se chama Cush, que é sinônimo de “preto”. Cush deu origem aos etíopes, sudaneses, ganeses, pigmeus, aborígenes australianos e da Nova Guiné (JESUS e IVO, 2019, p.50-51).

Sendo assim, a maldição de Noé teria feito com que os netos de Cam fossem servos/escravos dos filhos de Sem e Jafé, e a população que se parece com o que foi definido nesse mito da maldição teve sua escravidão naturalizada pela fé cristã, tendo a passagem de Gênesis 9:25 como álibi para tal violência contra os africanos, elegendo-os como escravizados por permissão divina.

Assim, essa interpretação da história bíblica deu aval para a igreja justificar a escravidão indígena e negra no Brasil por anos. O que exigiu que em 2013 a Aliança Evangélica emitisse uma “Nota de esclarecimento e repúdio quanto à suposta maldição sobre africanos e negros” (PORTAL GELEDÉS, 2013).

Minha foto-performance, “A Conscientização de Cam”, é uma sequência de 12 lambe-lambes, em que a minha imagem aparece na segunda foto, bem clara, e vai até uma foto bem escura (Figura 10). Em meu peito há uma imagem quadrada de acontecimentos que me enegreceram.

Detalharei os elementos em frente ao meu peito. A segunda imagem é uma ficha de triagem do hospital, onde uma atendente me classificou como branco em uma consulta anterior a essa, e nessa consulta eu já me encontrava em um processo de enegrecimento estético na minha aparência. Já não utilizava cremes clareadores no corpo e no rosto e já estava com o cabelo maior e, quando a nova atendente me viu, ela me informou da classificação racial branca e me disse que eu não era branco, mas sim pardo. Eu disse a ela que não era pardo, mas sim preto. E ali ela corrigiu a ficha.

Saí daquela situação pensando sobre minha identidade e surpreso por ter me colocado como preto, já que o natural para mim era clarear e me aproximar do branco e não enegrecer e me aproximar do preto. O que leva à construção da segunda imagem que é a palavra pardo com uma pele esbranquiçada e um prendedor de roupas no nariz. Será que assim eu sou pardo?

A terceira imagem é uma foto em que eu tinha 24 anos quando tinha o cabelo sempre muito baixo, cortado na máquina um. E eu já me fotografava e manipulava minha imagem em softwares de edição. Sempre deixava a foto bem clara e na edição clareava um pouco mais o tom da pele. Inconscientemente era para me aproximar de uma imagem de uma pessoa branca ou para me distanciar de uma imagem de uma pessoa negra.

As três imagens seguintes são reflexo de uma consciência que se formou lendo alguns escritos de Frantz Fanon (2008), psiquiatra e filósofo político negro em sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, quando eu passei a pensar quais máscaras eu já havia usado para mascarar minha negritude. Termos como moreno claro, moreninho e pardo já foram termos que utilizei, com o desejo de me aproximar de uma “brancura”.

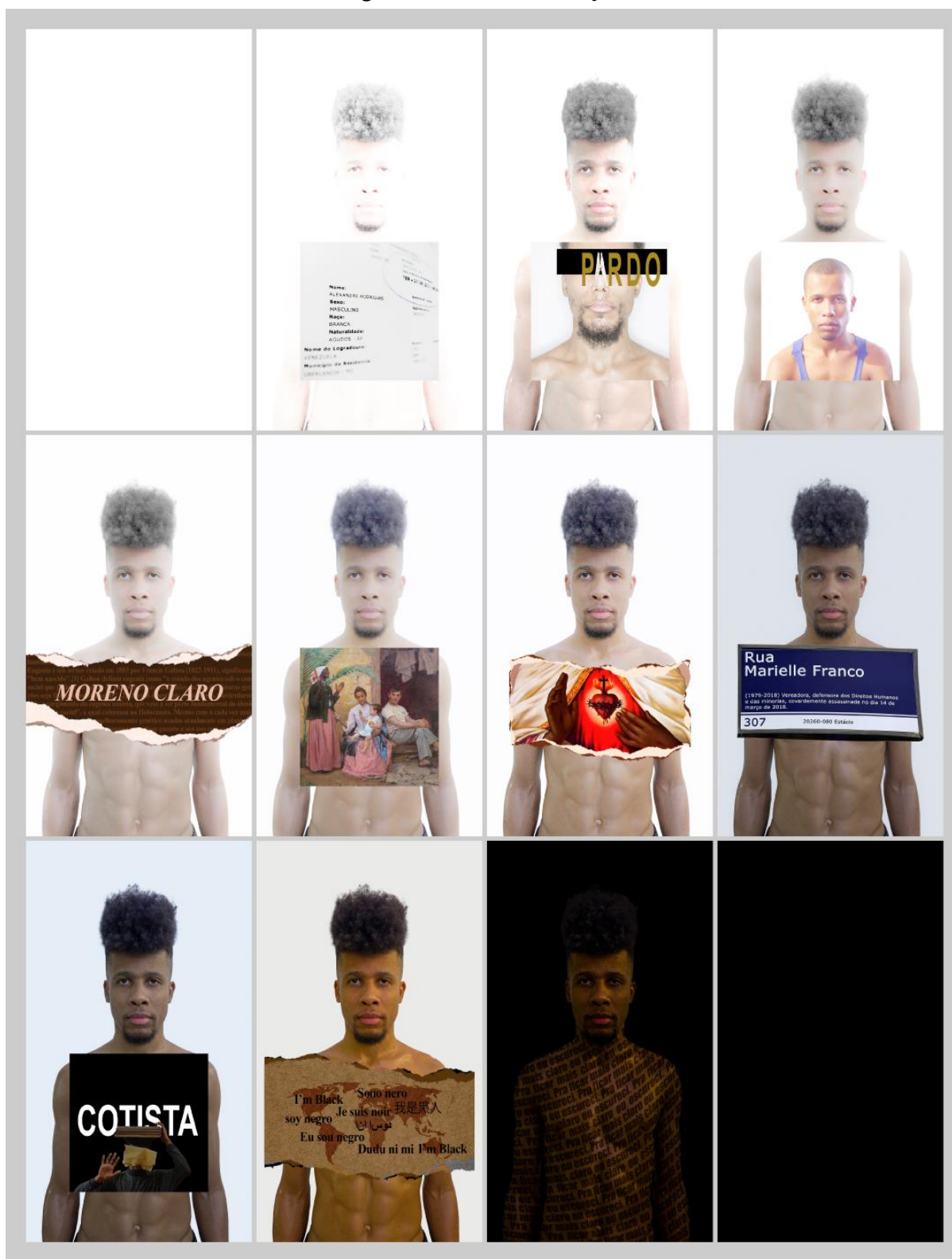
Passei a ter consciência disso e reconheci que essas ações de nomenclatura, captação e edição de imagens (da minha imagem) eram o caminho para a concretude das teorias eugenistas, que visam excluir a existência de pessoas negras gradualmente a partir de uma seleção genética natural. Onde pessoas negras e

peças brancas europeias ao terem filhos os traços negroides e indesejados seriam aos poucos extintos, juntamente com os vícios e a miséria (STEPAN, 2004).

Tal eugenia foi feita com a imagem de Jesus, que a ciência já provou não ser um homem branco, loiro e de olhos azuis. E ter essa referência religiosa enegrecida foi uma grande contribuição para o meu enegrecimento e foi quando passei a pensar na intolerância religiosa como manifestação do racismo estrutural.

Os dois elementos seguintes são a placa de Marielle Franco, que me trouxe a urgência de fazer a arte que eu faço hoje e que deu o combustível para o “coquetel molotov” que é “PREtextO Cor[Age]”, segundo elemento, para queimar toda estrutura racista dentro e fora da arte.

Figura 14: A Conscientização de Cam



Fonte: Arquivo Pessoal. 12 lâminas de Lambe, criadas para a Plataforma Latinidades Pretas em 2021.  
Foto/Edição: Alexandre ROIZ.

#### 4. CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR

Estas considerações não são finais, mas sim um entre o começo e o fim que só vira com a morte da arte que eu já fiz no mundo e da minha alma. Em Matheus 10:28, é dito que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma.

Marielle me enegreceu enquanto pessoa que precisa agir na sociedade contra o nosso genocídio. E Musa Mattiuzzi me enegreceu enquanto artista e me fez entender que posso usar minha arte para transformar minha realidade e levar, através dela, discussões que são urgentes para mim e para nós pessoas negras.

Durante o meu Estágio, em um momento frágil de construção da minha identidade sem muitas certezas e criando um processo em dança que era difícil em vários níveis, ouvi de uma figura importante naquele processo que eu até poderia ser negro em Uberlândia, mas que na Bahia ou em um país do continente africano eu seria considerado uma pessoa branca.

Essa fala me tirou o chão e me fez duvidar da legitimidade da minha criação, da minha luta e dos meus esforços em construir algo que, a princípio, a partir daquela fala não era meu.

Eu não tinha nem o alicerce da minha negritude construída, quiçá um argumento para rebater essa afirmação. Fiquei um bom tempo deprimido em meu Estágio, chegava muito atrasado por não conseguir sair da cama e ir pra uma sala de ensaio criar algo que “não era meu”.

Algo que me enegreceu foi compreender que ser negro não tem a ver com questões físicas apenas, mas sim com questões históricas, simbólicas e culturais. Com toda certeza e paz no coração, eu sou uma pessoa negra em qualquer lugar do mundo, e em qualquer idioma. Eu sou negro, I'm black, Sono nero, Soy negro, Je suis noir, Du du ni mi, أنا أسود, 我是黑人.

Para minha vida e existência ficarem mais claras, eu escureci. Escureci minhas referências e escureci minha dança, enxergando o caminho que ela trilhou, assumindo sua origem preta ancestral-contemporânea.

Escureci minha visão para que eu pudesse enxergar além da luz que cega, que é a hegemonia do Norte juntamente com a hegemonia branca do Sul que bebe da anterior.

Não há como existir tendo consciência de si, sem que os óculos de ver o mundo mudem. Eu quase não me formo, escrevo tudo isso até aqui sem saber se vou me formar. Tenho sofrido com o racismo estrutural e institucional em toda minha trajetória acadêmica e pagando o preço por ser desobediente à norma racista vigente.

Vi tantas pessoas negras caírem sem mesmo saber quem as alvejou, pois lhes faltou consciência de reconhecer o campo minado que é o espaço, não só da universidade, mas da vida.

Eu não caí, pois já identifiquei a estrutura que quer me alvejar, o espaço branco que eu manchei de preto com a minha existência, permanência e resiliência. Não serei pego de surpresa. “É do ouro de Oxum que é feita a armadura que guarda meu corpo, garante meu sangue, minha garganta, o veneno do mal não acha passagem. Não mexe comigo, que eu não ando só” (PROSA EM POEMA, 2012).

Comecei esta escrita contextualizando a você, pessoa que lê estas páginas, te ambientando sobre algumas partes dos trajetos que caminhei para chegar até aqui. Tudo o que vivi e experienciei me constituem enquanto indivíduo, diferente de você e de qualquer outra pessoa negra.

“O lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2019, p.69). Decidi do meu modo como processar esses encontros, desencontros e enegrecimentos.

De todas as várias possibilidades, eu decidi me colocar na linha de frente contra uma estrutura racista e combatê-la de forma aberta e direta. Não que isso seja melhor do que combatê-la de forma difusa e pelas beiradas, é apenas uma outra estratégia.

Existir, tendo consciência de quem sou e que lugar ocupo na sociedade e quais questões históricas, políticas e sociais fazem parte da minha identidade negra, não está separado de como eu penso e produzo arte. Ao contrário, influencia diretamente na dramaturgia do que eu coloco no mundo e como eu penso essas dramaturgias.

Meu corpo e todos os seus fenótipos são considerados na minha criação e os vejo como potência. Corpo estético que também é histórico, político e social, que é indissociável da arte que eu produzo.

“Ai maloqueiro, levanta essa cabeça, enxuga essas lágrimas, certo. Respira fundo e volta pro ringue. Cê vai sair dessa prisão, cê vai atrás desse diploma, com a fúria da beleza do sol te deu. Faz isso por nós, faz essa por nós, te vejo no pódio”. (EMICIDA, 2019)

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um PREtextO para deixar conhecimento negro neste espaço que, por enquanto, ainda está embranquecido, mas que a cada ano se colore mais e se TRANSforma mais, não é Whander!?<sup>12</sup>

É um PREtextO para que artistas Pretas, Pretes e Pretos tenham um gatilho para um caminho que sua arte possa seguir e desenvolvê-la por esse trilho, caso essas pessoas queiram. Conscientes da opressão hegemônica física, emocional, simbólica, bibliográfica e de abandonos que existem neste lugar. E que estar nesse espaço hegemônico representa uma multidão de pessoas como nós que não conseguiram estar onde estamos.

E seria muito medíocre da nossa parte não criar conhecimento que não seja através de nossa visão crítica sobre o mundo. E não estou dizendo necessariamente fazer um trabalho ativista a favor de nada. O que estou falando é sobre ter referências hegemônicas brancas ou não, e usá-las a seu favor para refletir sobre questões inerentes à vivência de uma pessoa negra.

Hoje não há nenhum homem negro formado em dança no curso da Universidade Federal de Uberlândia, eu sou o primeiro a me formar nesses mais de 10 anos de existência dele, e isso é um indício de como o racismo institucional está tendo êxito agindo sobre nós, essa é a quarta data que meu TCC é marcado para apreciação dessa banca e por muito pouco eu não me formo e entro para as estatísticas dos homens negros que desistem da graduação, e por pouco eu não ingresso no mestrado.

SIM, esta pessoa que escreve a vocês é mestrando em Artes Cênicas sem ter terminado a graduação, e SIM eu vou por essa universidade no chão enquanto o Racismo Estrutural e Institucional insistirem em atuar sobre as nossas corpos, corpos e corpos, eu sei que em algumas cabeças essas palavras vão soar como arrogantes, mas as registro assim mesmo.

Pessoas brancas: ser antirracista é possibilitar a formatura de pessoas pretas. Às vezes vocês vão ter que fazer mais do que vocês fariam para outras pessoas brancas e vão ter que sangrar com a gente nesse calvário contemporâneo.

---

<sup>12</sup> Whander é Transvestigênera Preta Afrotransfeminista. Artista da Cena y da corpa. Graduada em Teatros e Danças pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora em Artes Cênicas com interseções nas desobediências de Gênero, Dissidências sexuais, Relações Étnico-raciais y Educação. Mother da Casa de ÀKÀRÀ. E mestranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

“Eu tive que PerFormar pra formar” (ROIZ, 2022)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Passei os semestres finais de escrita e reescrita de TCC com uma melancolia que me paralisava todos os dias, eu estava tentando sobreviver a uma pandemia global (COVID-19) e lutando para ter grana para pagar as contas, comer e sobreviver ao caos, e ainda tinha que escrever algo que me fez reviver a todo instante gatilhos psicológicos.

Eu tinha apenas 150 reais para sobreviver o mês, peguei essa grana e comprei uma beca, e todo dia eu me vestia com ela e me olhava no espelho para conseguir concretizar a minha imagem formado, pedindo a Jesus, a Exu e ao Universo que me permitissem vencer essa batalha e que me enviassem algo ou alguém que pudesse me dar esse gás final. Eu tive que (Per)formar pra formar, criei uma realidade que nem eu mesmo achava que poderia ser possível.

Se você entra na Universidade por cotas raciais, a Branquitude te julga, se você ultrapassa esse julgamento, você sente a pressão de conseguir permanecer nesse espaço que quer te alvejar, te limpar e te atingir com tiros simbólicos, intelectuais e mentais. Esse espaço nos vê como uma macha preta, que deve ser alvejada. Se você entra e permanece, tem o último estágio que é o cansaço de 4, 5, 6, 7 ou mais anos resistindo a essa batalha cotidiana que é o racismo Estrutural na Instituição acadêmica que gera a discriminação indireta e o epistemicídio de nós pessoas negras. (Per)formei.



**Figura 15:** (Per)forme



Fonte: Arquivo Pessoal. Foto-performance intitulada (Per)forme.  
Criadas durante o processo de finalização do Trabalho de Conclusão de Curso.  
Foto/Edição: Alexandre ROIZ.

**Figura 16:** (Per)forme



Fonte: Arquivo Pessoal. Foto-performance intitulada (Per)forme.  
Criadas durante o processo de finalização do Trabalho de Conclusão de Curso.  
Foto/Edição: Alexandre ROIZ.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO: **Brasil tem 11 milhões de analfabetos, aponta IBGE**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge#:~:text=Brasil%20tem%2011%20milh%C3%B5es%20de%20analfabetos%2C%20aponta%20IBGE%20%E2%80%94%20Senado%20Not%C3%ADcias>> Acesso em 10/10/2021.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.

BBC NEWS: **Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora**. Rio de Janeiro, RJ. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767>> Acesso em: 01/10/2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e Perspectiva Negra. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília – DF, Volume 31, Numero 1, p. 15-24, Janeiro/Abril de 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 10/10/2021.

BRASILEIRO, Jeremias. **O Congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia MG**: resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018). 2019. 268 p. Tese (Doutor em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS: **Comissão de trabalho rejeita criação de guardas-mirins**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/124372-COMISSAO-DE-TRABALHO-REJEITA-CRIACAO-DE-GUARDAS-MIRINS>> Acesso em: 10/10/2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 p. Tese (Doutora em Educação) – Faculdade de Educação da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

EMICIDA. **Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar**. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (8min53s). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&ab\\_channel=Emicida](https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&ab_channel=Emicida)> Acesso em: 15/09/2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Bia. **Cota não é Esmola | Sofar Curitiba**. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (6:41). Publicado pelo canal Sofar Latin America. Disponível em: <<https://youtu.be/QcQlaoHajoM>> Acesso em: 28/09/2021.

FLACSO BRASIL: Mapa da violência 2014. 2014. Disponível em: <[https://flacso.org.br/files/2020/03/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](https://flacso.org.br/files/2020/03/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)> Acesso em: 10/10/2021.

G1 GLOBO.COM: **Negra da Maré e socióloga, Marielle foi a 5ª vereadora mais votada do Rio**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/negra-da-mare-e-sociologa-marielle-foi-a-5-vereadora-mais-votada-do-rio.ghtml>> Acesso em: 28/09/2021.

G1 GLOBO.COM: **Morte de Marielle causa comoção, e filho de Herzog compara caso com o de seu pai**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2018/03/15/morte-de-marielle-causa-comocao-e-filho-de-herzog-compara-caso-com-o-de-seu-pai.ghtml>> Acesso em: 28/09/2021.

G1 GLOBO.COM: **Morte de vereadora no Rio repercute na imprensa internacional**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/morte-de-vereadora-no-rio-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>> Acesso em: 28/09/2021 00:51.

G1 GLOBO.COM: **MP diz que PM matou Marielle por repulsa às causas dela, mas não descarta crime encomendado**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/12/causa-da-morte-de-marielle-e-repulsao-de-ronnie-as-causas-da-vereadora-diz-mp.ghtml>> Acesso em: 28/09/2021.

G1 GLOBO.COM: **Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>> Acesso em: 10/10/2021.

GUARDA MIRIM DE FRUTAL: **Nossa história**. Frutal, MG, c2019. Disponível em: <<https://gmfrutal.com.br/sobre.html>> Acesso em: 27/09/2021.

GZH GERAL: **Quatro em cada dez jovens negros não terminam o ensino médio**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <

JESUS, José Robson Gomes; IVO, Isnara Pereira. Escravidão, negros africanos e Santo Isidoro de Sevilla. **Dimensões**, Vitória – ES, Edição 43, p. 28-62, Julho/Dezembro de 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/28316>> Acesso em: 10/10/2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. 4. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de: Plantation memories.

L8, Matheus (matheusleitef). **FORMATURA PRETA - Faço questão de botar no meu take que pretas e pretos estão se formando**. 20 de novembro de 2018. Facebook: Matheus L8. Disponível em: <<https://www.facebook.com/matheusleitef/videos/2129633880635492/>> Acesso em: 10/10/2021.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **ILHA**: Revista de Antropologia, Volume 13, Número 1, p. 41-60, janeiro/junho de (2011) 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41>> Acesso em: 24/01/2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: **Projovem Urbano**. [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17462-projovem-urbano-novo>> Acesso em: 06/01/2022.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019. Resenha de: EL-DINE, Igor Pires Zem. **Porto Das Letras**, 7(1), 450-454, 2021.

PARALELA – PLATAFORMA DE ARTE: **Homepage**. Uberlândia, MG, c2015. Disponível em: <<https://www.paralelaplataformadearte.com.br/prll>> Acesso em: 10/10/2021.

PORTAL GELEDÉS: **Nota de esclarecimento e repúdio quanto à suposta maldição sobre africanos e negros**. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/nota-de-esclarecimento-e-repudio-quanto-a-suposta-maldicao-sobre-negros-e-africanos/>> Acesso em 10/10/2021

PROSA EM POEMA: **Carta de amor**. 2012. Disponível em: <<https://prosaempoema.com/2012/04/05/carta-de-amor/>> Acesso em: 10/10/2021.

PUNKZILLA! **Punkzilla! Enquanto você grita gol**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (2min32s). Publicado pelo canal Punkzilla!. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=u0u-t0GKRk8&ab\\_channel=Punkzilla%21](https://www.youtube.com/watch?v=u0u-t0GKRk8&ab_channel=Punkzilla%21)> Acesso em: 28/09/2021.

QUERO BOLSA: **Política do Pão e Circo**. São José dos Campos, SP. 2019. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/historia-geral/politica-do-pao-e-circo>> Acesso em 01/10/2021.

RAZÕES PARA ACREDITAR: **[VÍDEO] Gari dá verdadeira aula de história para explicar o racismo no Brasil.** 2018. Disponível em: <<https://razoesparaacreditar.com/gari-aula-historia-racismo-brasil/>> Acesso em 03/10/2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Polen, 2019. 112 p.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos. **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras:** artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR). 2017. 147 p. Dissertação (Mestre em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SAPIÊNCIA, Rincon. **Rincon Sapiência - Ponta de Lança (Verso Livre).** [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (3min47s). Publicado pelo canal Rincon Sapiência. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw&ab\\_channel=RinconSapi%C3%Aancia](https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw&ab_channel=RinconSapi%C3%Aancia)> Acesso em: 10/10/2021.

SOCIALISMO CRIATIVO: **A invisibilidade negra em diversos espaços.** 2019. Disponível em: <<https://www.socialismocriativo.com.br/a-invisibilidade-negra/>> Acesso em: 30/09/2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 89 p.

STEPAN, NL. **Eugenia no Brasil, 1917-1940.** In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. ISBN 978-85-7541-311-1. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>> Acesso em: 10/10/2021.

UOL: **Zezé Di Camargo critica comoção por morte de Marielle: "Tenho direito".** 2018. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/03/19/zeze-di-camargo-critica-comocao-por-morte-de-marielle-tenho-direito.htm>> Acesso em: 28/09/2021.